

Coordenadores:

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Alícia de Oliveira Moreira Pereira

Geografia Escolar e Educação Geográfica sobre Riscos.

Contribuições teórico-metodológicas no
contexto da formação docente



RISCOS

Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança
Coimbra, 2026

Geografia Escolar e Educação Geográfica sobre Riscos. Contribuições teórico-metodológicas no contexto da formação docente

reúne dezanove capítulos que, em seu conjunto, expressam a diversidade e a potência das reflexões, pesquisas e práticas educativas desenvolvidas no campo da Educação Geográfica e dos estudos sobre riscos e desastres. Resultado de um esforço coletivo de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições, a obra congrega contribuições teórico-conceituais, teórico-metodológicas e didático-pedagógicas que fortalecem o diálogo entre a Geografia Escolar, a Formação Docente e os Estudos Cindínicos.

Os textos apresentados evidenciam a relevância da construção de um olhar geográfico sobre os riscos, ancorado nas categorias e conceitos fundamentais da ciência geográfica, possibilitando a compreensão das dinâmicas socioespaciais que produzem, condicionam e intensificam situações de risco e vulnerabilidade. Ao articular produção acadêmica, experiências formativas e práticas de ensino, o livro amplia as possibilidades de análise e mobilização didático-pedagógica no campo da Educação Geográfica, constituindo-se como uma importante contribuição para pesquisadores(as), professores(as) e estudantes interessados na interface entre Educação Geográfica, Ensino de Geografia, Riscos e Desastres.

Convidamos as leitoras e os leitores a um mergulho teórico e metodológico sobre os riscos a partir da Educação Geográfica, reconhecendo seu potencial para a formação de sujeitos capazes de compreender criticamente os processos socioespaciais contemporâneos.

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Universidade Federal de São João del-Rei, GEPEGER (Brasil)
Departamento de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia

Alícia de Oliveira Moreira Pereira

Universidade Federal de Goiás, GEPEGER (Brasil)
Instituto de Estudos Socioambientais - IESA



RISCOS

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA
DE RISCOS, PREVENÇÃO
E SEGURANÇA

ESTRUTURAS EDITORIAIS | EDITORIAL STRUCTURES

Estudos Cindínicos

DIRETOR PRINCIPAL | MAIN EDITOR

Luciano Lourenço

RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança

DIRETORES ADJUNTOS | ASSISTANT EDITORS

António Amaro, Adélia Nunes, António Vieira, Fátima Velez de Castro

RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança

ASSISTENTE EDITORIAL | EDITORIAL ASSISTANT

Fernando Félix

RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança

COMISSÃO CIENTÍFICA | EDITORIAL BOARD

Adélia Nunes

Universidade de Coimbra

Antenora Maria da Mata Siqueira

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Ana Meira Castro

Instituto Superior de Engenharia do Porto

Carla Juscélia Oliveira Souza

Universidade de São João del Rei, Brasil

António Betâmio de Almeida

Instituto Superior Técnico, Lisboa

Esteban Castro

Universidade de Newcastle, Reino Unido

António Duarte Amaro

Escola Superior de Saúde do Alcoitão

José António Vega

Centro de Investigación Forestal de Lourizán, Espanha

António Vieira

Universidade do Minho

José Arnaez Vadillo

Universidade de La Rioja, Espanha

Cármem Ferreira

Universidade do Porto

Lidia Esther Romero Martín

Universidade Las Palmas de Gran Canaria, Espanha

Fátima Velez de Castro

Universidade de Coimbra

Miguel Castillo Soto

Universidade do Chile

Helena Fernandez

Universidade do Algarve

Montserrat Díaz-Raviña

Inst. Inv. Agrobiológicas de Galicia, Espanha

Humberto Varum

Universidade de Aveiro

Norma Valencio

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

José Simão Antunes do Carmo

Universidade de Coimbra

Ricardo Alvarez

Univ. Atlântica, Florida, Estados Unidos da América

Luciano Lourenço

Universidade de Coimbra

Victor Quintanilla

Universidade de Santiago de Chile, Chile

Romero Bandeira

Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto

Virginia Araceli García Acosta

CIESAS, México

Tiago Ferreira

Universidade do Minho

Xavier Ubeda Cartaña

Universidade de Barcelona, Espanha

Tomás de Figueiredo

Instituto Politécnico de Bragança

Yvette Veyret

Universidade de Paris X, França

CARLA JUSCÉLIA DE OLIVEIRA SOUZA
ALÍCIA DE OLIVEIRA MOREIRA PEREIRA
(COORDS.)



GEOGRAFIA ESCOLAR E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA SOBRE RISCOS.

**CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS
NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE**

Edição

RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança

Email: riscos@riscos.pt

URL: <https://www.riscos.pt/publicacoes/sec/>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Carla Juscélia de Oliveira Souza e Alícia de Oliveira Moreira Pereira

IMAGEM DA CAPA

Karine Nieman

PRÉ-IMPRESSÃO

Fernando Félix

ISSN

2184-5727

DOI (Série)

<https://doi.org/10.34037/978-989-54295-1-6>

ISBN Digital

978-989-9053-43-4

DOI

https://doi.org/10.34037/978-989-9053-43-4_20

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	9
PARTE I - ENSINO DOS RISCOS E GEOGRAFIA ESCOLAR: PERSPECTIVAS TEÓRICO-CONCEITUAIS	13
Trajetória teórico-conceitual e metodológica do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER) Carla Juscélia de Oliveira Souza	15
Espacialidades das juventudes e os riscos sociais: perspectivas e possibilidade de articulação no âmbito do ensino de geografia Alicia de Oliveira Moreira Pereira	55
Percepção de docentes de geografia sobre risco social de discentes LGBTQIAPN+ no espaço escolar Maria Luíza Reimberg da Silva e Adelaine Ellis Carbonar dos Santos	89
Riscos e pensamento sistêmico na perspectiva do ensino de geografia Maria Clara Franco Sousa	109
Paisagens de risco e ensino de geografia: perspectivas a partir da geoeologia das paisagens Lucas Luan Giarola	127
Geografia escolar e risco ambiental: reflexões para uma educação transformadora Celso da Costa Fonte e Mariana Carvalho Silva de Assis Nogueira	141
“Desastres naturais” e o discurso na mídia: contribuições para a geografia escolar Pedro Victor Rocha Guilarduci e Carla Juscélia de Oliveira Souza	161
PARTE II - EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E OS RISCOS SOCIOAMBIENTAIS: PRODUÇÕES ACADÊMICAS E ABORDAGENS DIDÁTICO- -PEDAGÓGICAS	187
Análise da categoria riscos nos trabalhos do eixo ensino de geografia: Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (2003 - 2024) Alicia de Oliveira Moreira Pereira, Júnia Mayra Ramos Cunha e Carla Juscélia de Oliveira Souza	189
Educação geográfica e riscos socioambientais: contribuições da pesquisa acadêmica brasileira Patrícia Pires Ferreira	221

SUMÁRIO

Educação geográfica e a iniciação ao estudo dos riscos: uma experiência no processo de formação Janete Regina de Oliveira, Vitória Conceição Santana da Cruz Reis, Karen N. Furtado Agapito, Danilo Gonçalves Henriques e Felipe Silva Soares	237
Formação inicial de professores de geografia e o ensino dos riscos: percepções sobre o evento extremo de 2024 no Rio Grande do Sul, Brasil Alexandra Luize Spironello e Liz Cristiane Dias	255
Inundações e riscos socioambientais em Goiânia (GO): desafios e reflexões para o ensino de geografia Júlio César Oliveira de Moraes, Isabelle de Cássia Chaves Galvão e Adriana Olívia Alves	279
Impactos socioambientais das terras caídas em municípios da Amazônia Cidiane Figueira Cardoso e Leandro Pansonato Cazula	303
A bacia escola como espaço educacional para redução dos riscos de desastres no cenário de mudanças climáticas Anderson Mululo Sato, André Batista de Negreiros, Julia Marinho Cabral e Thayna Maria Oliveira da Silva	317
Entendimento da espacialidade da paisagem, dos riscos e os componentes físico-naturais em sequência didática Celso da Costa Fonte, Lucas Luan Giarola e Carla Juscélia de Oliveira Souza	339
Riscos socioambientais e escolas: contribuição da geografia da educação numa cidade do sudeste do Brasil Patricia Martinelli, André Barbosa Ribeiro Ferreira e Carlos Eduardo Eugênios ...	367
Paisagem, risco e educação: reflexões a partir do espaço vivido em Bambuí/MG Mariana de Barros Carvalho e Raquel Maria Alves	383
Estudo da paisagem escolar na cidade de Oliveira- MG: contribuições do <i>google earth</i> para análise da dinâmica espacial local e dos riscos Polyanna Cristina dos Reis Romano e Carla Juscélia Oliveira Souza	407
Geografia e riscos: diferentes linguagens no ensino médio de escolas de tempo integral Rafael César Costa Silva	437
CONCLUSÃO	453

PREFÁCIO

No âmbito das múltiplas vertentes que se pretende desenvolver na RISCOS – Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança – a Educação tem vindo a ganhar destaque. A criação do grupo de trabalho GIER – Grupo de Investigação em Educação para os Riscos – foi uma das ações que veio reforçar esse objetivo, ao colocar em diálogo a Escola e outros Espaços Educativos, a Academia, Operacionais e a Sociedade Civil, na temática das Ciências Cindínicas. Acreditamos que é importante estabelecer contatos com outras redes de pesquisa do mesmo âmbito, em que possa haver troca de experiências pedagógicas, tanto na formação inicial, como na formação contínua docente. Nesse sentido, o GEPEGER – Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos – tem sido um parceiro fundamental para o aprofundamento da investigação na RISCOS, com provadas dadas enquanto referência para a área em causa.

É por isso, com imensa satisfação, que se publica a obra **Geografia Escolar e Educação Geográfica sobre Riscos. Contribuições teórico-metodológicas no contexto da formação docente**, coordenada pela **Doutoranda Alícia Pereira e pela Professora Doutora Carla Juscélia Souza** (Associada da RISCOS), da Universidade Federal de São João del-Rei (Brasil). Os 19 capítulos que compõem o livro, abordam temas de grande pertinência para o ensino dos riscos em contexto escolar/educativo, assim como para o desenvolvimento da educação geográfica na comunidade, focando temas que cruzam o ambiente e a sociedade. Destaque-se ainda a forte componente multiescalar e pluritemática, com a qual as autoras e os autores dos estudos vieram enriquecer a visão sobre as comunidades e os territórios visados nas pesquisas. Por um lado, importa conhecer realidades distintas e específicas daquelas em que a leitora e o leitor vivenciam no quotidiano; por outro, é essencial perceber que o risco, por muito distante que pareça estar, pode estar subtilmente contido no espaço vivido.

Por tudo isto, a RISCOS aposta neste livro como uma obra de grande relevância para o Ensino e a Educação dos Riscos, que vão muito mais além do Brasil, pela aprofundada discussão teórica, metodológica e prática que está patente na investigação, contribuindo para o avanço do estado da arte nas Ciências Cindínicas.

Boa leitura, Coimbra, 26 de junho de 2026

Fátima Velez de Castro

Presidente da Direção da RISCOS

Professora Auxiliar do Depart.º de Geografia e Turismo, Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra

INTRODUÇÃO

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Universidade Federal de São João del-Rei, GEPEGER (Brasil)
Departamento de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia
ORCID: 0000-0002-1426-4790 carlaju@ufsj.edu.br

Alícia de Oliveira Moreira Pereira

Universidade Federal de Goiás, GEPEGER (Brasil)
Instituto de Estudos Socioambientais - IESA
ORCID: 0000-0002-7485-9542 aliciaoliveirapereira@gmail.com

A intensificação dos riscos nas últimas décadas do século XX e a ampliação do número de desastres no início do século XXI, associada aos processos de urbanização desigual, expansão das fronteiras agrícolas e agora fronteiras agropecuárias, alterações climáticas e aprofundamento das desigualdades sociais, em um mundo globalizado e técnico-científico informacional, tem reforçado a temática dos riscos nos estudos geográficos contemporâneos. Nesse contexto, a Geografia assume papel estratégico ao articular natureza e sociedade, espaço e tempo, escalas e atores sociais, possibilitando a compreensão integrada dos processos e fatores produtores de situação de riscos.

No âmbito do ensino dos riscos, a discussão sobre riscos socioambientais ganha relevância formativa ao ser incorporada ao Ensino de Geografia, especialmente como parte do processo para a formação cidadã e para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o espaço geográfico, seja ele o vivido, percebido e ou concebido. Nesse sentido, cabe destacar a necessidade da abordagem de outros riscos também, como o social relacionados à juventude, por exemplo. Pois, na escola, a Educação Geográfica como processo formativo, ao trazer problematizações sobre o espaço vivido, o espaço global/local contribui para que estudantes compreendam as relações entre produção do espaço, vulnerabilidades e desastres, superando visões naturalizantes e fatalistas relacionadas aos desastres, que atingem de modo diferente as pessoas, os grupos, a sociedade.

A compreensão integrada e sistêmica de processos (naturais e sociais) e de fatores (econômicos, culturais, políticos) capazes de gerar condições de perigo e de vulnerabilidade (às pessoas, grupos e ou comunidades) é formação básica inicial, para que se possa aprofundar, então, nas condições dialética das relações sociais e naturais na produção do espaço que se dá de modo dinâmico, assim como se dá a formação de áreas de riscos. Nesse sentido, espera-se que com os conhecimentos construídos na escola, na Geografia Escolar, os(as) estudantes, no futuro próximo ou distante, possam intervir a fim de evitar a geração de novas áreas de risco social e ambiental ou mesmo resistir à possíveis desastres. Desse modo, a Educação Geográfica terá alcançado sua finalidade, deixará de ser um processo para constituir um conhecimento instrumental teórico-prático para a ação, para escolhas, comportamentos e resistências.

A Educação Geográfica se fundamenta na ciência geográfica, em experiências empíricas e científicas articuladas às produções e organizações que ocorrem na Geografia Escolar, que precisa considerar as diferentes realidades sociais, culturais e políticas das escolas e seus contextos geográficos situados. Nessa perspectiva, as discussões presentes nos capítulos que compõem este livro contribuem de forma particular, de cada autora e autor de diferentes regiões brasileiras, para o ensino dos riscos à luz da dimensão da Educação Geográfica e do Ensino de Geografia.

O presente livro é resultado de um trabalho coletivo e colaborativo que marca a edição comemorativa dos dez anos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER), reúne um conjunto expressivo de produções científicas oriundas de reflexões teóricas, de pesquisas acadêmicas, de projetos de investigação e de práticas educativas desenvolvidas por professoras e professores-pesquisadores(as) de diferentes instituições. As contribuições aqui apresentadas dialogam diretamente com as temáticas dos riscos e da Educação Geográfica, ao mesmo tempo em que refletem, fortalecem e ampliam a trajetória de atuação do GEPEGER, oferecendo aportes teórico-metodológicos relevantes para o campo dos estudos sobre riscos e o Ensino de Geografia, especialmente para a formação e trabalho docente.

O livro congrega capítulos que abordam a temática sob distintas perspectivas, contemplando dimensões teórico-metodológicas, teórico-conceituais e pedagógico-didáticas, promovendo um diálogo consistente entre a Educação Geográfica e os estudos cindínicos. Tal articulação é aprofundada no capítulo que abre a obra, de autoria da coordenadora do grupo, Carla Juscélia de Oliveira Souza, intitulado “Trajetória teórico-conceitual e metodológica do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER)”, no qual se delineiam os fundamentos epistemológicos e os caminhos teóricos percorridos pelo grupo ao longo de sua trajetória de uma década.

A obra foi organizada em duas partes. A primeira, intitulada “Ensino dos Riscos e Geografia Escolar: perspectivas teórico-conceituais”, concentra-se na discussão dos fundamentos teóricos que sustentam a abordagem dos riscos no contexto da Geografia Escolar. A segunda parte, denominada “Educação Geográfica e os riscos socioambientais: produções acadêmicas e abordagens didático-pedagógicas”, dedica-se à análise de pesquisas, práticas educativas e experiências pedagógicas que articulam a temática dos riscos aos processos de ensino e aprendizagem em Geografia.

O livro é composto por 19 capítulos elaborados por pesquisadores(as), pós-graduandos(as) e professores(as) da educação básica de escolas públicas do Brasil. Reúne contribuições dessas diversas pessoas que passaram pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER) nos últimos 10 anos.

O livro aborda a temática Riscos na Geografia Escolar e a importância da Educação Geográfica voltada para a redução dos riscos e desastres (EGRRD). Nessa perspectiva, os capítulos se fundamentam na literatura científica sobre Ensino de Geografia, Educação Geográfica, Teoria dos riscos, Educação para os riscos e outras temáticas que subsidiam a discussão. Os resultados de pesquisas e de práticas de ensino e extensão são retomados nos capítulos como referências empírica, científica e estudo aplicado que contribuem com a discussão e a reflexão sobre o tema, a partir da relação teoria e prática no âmbito do tripé Geografia, Riscos e Educação.

Os riscos socioambientais se destacam em número de capítulos e são discutidos por meio da categoria Paisagem e do uso de diferentes linguagens (imagem de

satélite, fotografias, Google Earth, mapeamentos e maquetes). Os riscos sociais são abordados em dois capítulos e contribuem com a discussão dos riscos relacionados com a questão de gênero, jovens escolares e interseccionalidades. Este fato reforça a importância de se considerar essa discussão no âmbito do Ensino de Geografia e dos riscos sociais, para que outros e mais trabalhos possam compor obras futuras, previstas pelo GEPEGER.

Dois capítulos trazem abordagem regional, Amazônica (região Norte) e estado do Rio Grande do Sul (região Sul) do Brasil. Outros seis, fazem referência direta aos estudos dos riscos relacionados ao contexto de quatro cidades no estado de Minas Gerais (Barbacena, Bambuí, Oliveira e São João del-Rei). Um capítulo discute o discurso da mídia sobre os desastres ocorridos em cidade do litoral norte de São Paulo (São Sebastião), outro sobre inundações na cidade de Goiânia e um terceiro no estado do Rio de Janeiro, sobre as medidas de prevenção e segurança em ações na cidade de Angra dos Reis.

Portanto, considerando a importante e rica contribuição das autoras e autores de cada capítulo, que consolidam essa obra, convidamos todas e todos para uma leitura e um mergulho teórico e metodológico sobre riscos a partir da Educação Geográfica no Ensino de Geografia.

PARTE I:

Ensino dos Riscos e Geografia Escolar: Perspectivas Teórico-Conceituais

**TRAJETÓRIA TEÓRICO-CONCEITUAL E
METODOLÓGICA DO GRUPO DE ESTUDOS E
PESQUISAS EM GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO
E RISCOS (GEPEGER)**

**THEORETICAL-CONCEPTUAL AND
METHODOLOGICAL TRAJECTORY OF THE GROUP
OF STUDIES AND RESEARCH IN GEOGRAPHY,
EDUCATION AND RISKS (GEPEGER)**

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Universidade Federal de São João del-Rei, GEPEGER (Brasil)
Departamento de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia
ORCID: 0000-0002-1426-4790 carlaju@ufsj.edu.br

Resumo: O capítulo discute os fundamentos teórico-conceituais e metodológicos que marcam a trajetória do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos ao longo de seus 12 anos. Para isso, o texto retoma parte da produção científica do grupo com o objetivo de refletir sobre esses fundamentos e sobre a contribuição do grupo para o Ensino de Geografia, na relação Educação Geográfica e Riscos. São consideradas as publicações feitas nas revistas *Territorium*, *Equador*, *Territorium Terram*, entre outras, e nos livros da Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança (RISCOS) e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). A trajetória do Gepeger é marcada por abordagem crítica, social sobre os riscos e os desastres. Nessa perspectiva, dialoga

com a Geografia Crítica, mas, também com a Geografia Cultural Renovada ao ampliar as discussões com os riscos sociais e a questão da vulnerabilidade de gênero, entre outros temas contemporâneos.

Palavras-chave: Paisagem, território, risco socioambiental, risco social, geografia crítica.

Abstract: The chapter discuss about the theoretical-conceptual and methodological that marks the trajectory of the Study and Research Group in Geography, Education and Risk over its 12 years. To this end, it was necessary to revisit part of the group's scientific production with the aim of reflecting on these foundations and on the group's contributions to Geography Teacher in the relationship between Geographic Education and Risks. Publications made in scientific journals such as *Territorium*, *Ecuador*, *Territorium Terram*, among others, and in the books of the Portuguese Association of Risks, Prevention and Security (RISCOS) and the Association of Brazilian Geographers are considered. Gepeger's trajectory is marked by critical, social, approach to risk and disasters. From this perspective dialogue with Critical Geography, but also with Renewed Culture Geography, when expanding discussions with social risks and issues about gender vulnerability among other contemporary themes.

Keywords: Landscape, territory, socio-environment risks, socio risks, critical geography.

Introdução

O debate sobre riscos e desastres na sociedade contemporânea, especialmente no âmbito da Formação docente e da Educação Básica, requer o entendimento tanto dos conceitos que se relacionam ao tema, como risco, perigo, crise, vulnerabilidade, processo perigoso, entre outros, quanto ao entendimento da gênese do fenômeno em sua complexidade, em diferentes escalas de manifestação, a partir de bases filosóficas e científicas que contribuam para a compreensão e leitura do espaço geográfico em abordagem crítica e cidadã.

No âmbito dessa discussão, a elaboração deste capítulo retoma parte da produção científica do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER), por meio da leitura crítica e da discussão teórico-conceitual que fundamenta a trajetória de 12 anos do referido grupo. Ao completar uma década de formação, verificamos que a produção científica e as propostas de Práticas Pedagógicas e educativas, desenvolvidas pelos membros do Gepeger¹, resulta em dezenas de artigos e de projetos de pesquisa, ensino e extensão², que contribuem para referenciar a trajetória teórico-conceitual e epistemológica do grupo.

Nesse sentido, consideramos fundamental retomar essas produções atentos às abordagens teórico-conceituais e os métodos que compõem a base dos estudos e das pesquisas realizadas ao longo de uma década. A retomada das produções representa momento de leitura e reflexão sobre a sua trajetória epistemológica, marcada por referenciais, permanências, avanços e possibilidades de ampliação e aprofundamento dos caminhos percorridos. Acreditamos no amadurecimento e nas contribuições reais do grupo sobre a questão dos riscos discutidos no âmbito do Ensino de Geografia, da Educação Geográfica e da Formação de Professores de Geografia. Devido à essa abrangência, essas abordagens não são tratadas individualmente neste capítulo, mas, os respectivos referenciais que as fundamentam, objeto de interesse deste capítulo.

¹ A partir desse ponto, a sigla Gepeger será escrita em letras minúsculas a fim de compor com a estética das demais palavras na composição do texto.

² Os projetos e produções do Gepeger encontram-se disponíveis na página do grupo:
<https://gepeger.wixsite.com/gepeger>

O texto parte, então, da revisão bibliográfica de artigos, capítulos de livros e coletâneas publicadas pelo referido grupo, com destaque para as produções vinculadas à edição da Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança (RISCOS, Coimbra), às publicações em livros vinculadas à Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), seção Bauru, São Paulo, entre outras. Foram considerados também artigos científicos elaborados entre 2013³ e 2025, publicados nas revistas *Territorium*, *Revista Equador*, *Acta Geográfica*, *Territorium Terram*, *Desenvolvimento e Meio ambiente*, *Caderno de Geografia*, *Revista de Geografia*, *Caderno Prudentino de Geografia* e *Revista Signos Geográficos*; além dos livros organizados por Lourenço e Mateus (2013), Lourenço e Amaro (2018), Souza e Lourenço (2023), Magnoni Júnior *et al.* (2020, 2022), entre outros.

Para auxiliar nesse trabalho, foram elaborados quadros sínteses, contendo as principais ideias e contribuições dos trabalhos, assim como quadro comparativo entre as obras de referência comum nos textos. Desse modo, foi possível refletir sobre a trajetória e a tendência epistemológica do Gepeger e suas contribuições teórico-metodológicas para a Geografia Escolar.

O texto está organizado em 3 seções, a fim de auxiliar na sistematização das ideias, dos recortes feitos a partir dos trabalhos do Gepeger e das discussões a partir do diálogo estabelecido entre a produção científica de referência, a produção do grupo e a reflexão da autora deste capítulo, a saber: Bases epistemológica da produção do grupo na interface educação geográfica e riscos; Concepção de risco e abordagens de referências nos trabalhos do Gepeger e Conceitos e temas centrais dos trabalhos, além da introdução, conclusão e bibliografia.

³ O trabalho de Souza (2013) antecedeu o ano de formação do Gepeger (2014). Foi durante a elaboração desse trabalho que a autora verificou a necessidade e a importância da formação de um grupo de estudo e pesquisa que articulasse as dimensões Riscos e Ensino de Geografia. Portanto, a importância e relevância do trabalho de Souza (2013) no Brasil, que trouxe um primeiro ensaio sobre essa articulação, especialmente por meio de uma proposta teórico-metodológica para o Riscos na Geografia escolar.

Base epistemológica da produção do grupo na interface educação geográfica e riscos

A produção científica do Gepeger desenvolvida entre 2013 e 2025, no âmbito da Educação Geográfica e da Geografia dos Riscos, insere-se em uma matriz teórico-epistemológica predominantemente crítica, de caráter socioespacial e interdisciplinar. Essa produção não se alinha a perspectivas deterministas e positivistas clássicas, mas aproxima-se da abordagem materialista histórico-dialética ampliada, articulada a contribuições da Geografia Crítica brasileira, da abordagem socioambiental dos riscos e das epistemologias contemporâneas da complexidade.

Nos textos analisados, o risco não é concebido como fenômeno essencialmente subjetivo ou como mera construção cognitiva desvinculada das condições materiais de existência. Ao contrário, a materialidade dos processos socioambientais, destacando fatores como a ocupação do território, a infraestrutura urbana, as desigualdades socioeconômicas e a atuação do poder público são enfatizados. Assim, o risco é interpretado como resultado de processos históricos e espaciais concretos, produzidos na interação entre sociedade e natureza, o que evidencia uma orientação ontológica centrada na realidade socioespacial. Pois, conforme Souza (2013, p. 132), *“Os riscos não podem ser compreendidos como eventos naturais, pois resultam da forma como a sociedade produz, organiza e utiliza o território”*. Nesse âmbito de abordagem, Veyret (2013, p. 11) vai dizer no início de seu livro *“[...] o risco interroga necessariamente a geografia que se interessa pelas relações sociais e por suas traduções espaciais”*.

Essa perspectiva aproxima-se da Geografia Crítica brasileira, influenciada pelo pensamento de Milton Santos, para quem o espaço geográfico constitui uma instância social produzida pelas relações econômicas, políticas e técnico-científicas. Para o autor *“O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações”* (Santos, 1996, p. 63). Essa definição enfatiza a materialidade e a historicidade do espaço, elementos que também estruturam a análise dos riscos socioambientais na produção do Gepeger. O território não é visto como cenário neutro, mas como resultado de relações sociais, técnicas e políticas que condicionam a exposição diferencial aos perigos.

Nos textos analisados, o território aparece como categoria estruturante para a compreensão dos riscos, entendido como espaço conformado por relações de poder, de desigualdade e de disputa, e não como simples suporte físico dos fenômenos naturais, embora esses fenômenos são considerados também, na maioria dos trabalhos, em que os conceitos de sistema e complexidade são considerados, sem desconsiderar o caráter histórico e social da organização espacial, que são interpretados a partir da categoria Paisagem.

Para Milton Santos, a paisagem não se reduz ao aspecto estético ou meramente visual do espaço. Ela é compreendida como o conjunto de formas materiais que expressam diferentes tempos históricos. Nesse sentido, Santos (1996, p. 66/ 67) afirma que, *“a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”*. [...] *“É o domínio do visível, aquilo que a vista alcança; mas não é apenas isso, é também a materialidade acumulada de tempos diversos”*. Para o autor, a paisagem — enquanto materialidade visível — deve ser compreendida dentro da totalidade do espaço produzido socialmente. Portanto, a leitura da paisagem não é descritiva, mas crítica e histórica. Na escola, a descrição pode ser um ponto de partida, como processo de observação, identificação dos fixos e dos fluxos, da dinâmica e dos elementos e componentes que contribuem para “contar” a história daquele espaço.

Desse modo, a paisagem objeto de investigação é também base de mapeamento participativo em prática pedagógica, com sentido e significado para os estudantes. Essa experiência é bem marcada nas pesquisas de Fonte (2019) e Giarola (2025). Nesses trabalhos, o risco socioambiental é inseparável do território e se manifesta na paisagem.

A centralidade do território como categoria analítica é reiterada em estudos posteriores, como os de Souza (2018), Pereira e Souza (2021) e Pereira (2024), como exemplos. Ao discutir o papel da Educação Geográfica na prevenção de desastres, Souza (2018) destaca que: *“O território é o ponto de partida para a compreensão dos riscos, pois nele se expressam as desigualdades socioeconômicas e as formas diferenciadas de exposição aos perigos”* (Souza, 2018, p. 87).

A desigualdade socioespacial, discutida em alguns trabalhos (Silva, 2017; Pereira, 2024; Giarola, 2025), é discutida tendo como base a matriz materialista

histórico-dialética, não ortodoxa. Os trabalhos demonstram que os riscos não afetam de forma homogênea os diferentes grupos sociais, sendo mais intensos em contextos de pobreza, precariedade urbana e exclusão territorial. Nesse sentido, os desastres são compreendidos como expressão de vulnerabilidades existentes, e não como eventos exclusivamente naturais ou fortuitos. Tal compreensão converge com abordagens críticas que denunciam a naturalização dos desastres e evidenciam sua produção social. Essa perspectiva, não é desconsiderada em estudos em que a dinâmica da natureza e seus processos são aspectos centrais iniciais da discussão, que subsidia a proposição de práticas educativas, no âmbito da Educação geográfica, como realizado por Soares, Resende e Souza (2014); Souza (2021) e Giarola (2025), como exemplos.

No plano internacional, a produção do grupo dialoga com a Geografia dos Riscos, especialmente com as contribuições de Yvette Veyret, na França, e a Teoria dos Riscos com Fernando Rebelo e Luciano Lourenço, em Portugal. Esses autores concebem o risco como construção social resultante da interação entre processos naturais e organização territorial, ainda que o foco dos estudos dos pesquisadores portugueses parta do entendimento e discussão da dimensão dos componentes físico-naturais. Para a geógrafa Veyret (2007, p. 24), “*o risco é a percepção de um perigo possível, mais ou menos previsível, que ameaça um grupo humano*”. Embora a autora francesa enfatiza a dimensão perceptiva, sua abordagem reconhece a interação entre perigo, vulnerabilidade e organização territorial, elementos que são interpretados por Souza (2021, 2025), Pereira (2024) à luz das desigualdades socioespaciais.

A crítica à naturalização dos desastres também aproxima a produção analisada de perspectivas materialistas. Conforme enfatiza Ruy Moreira (2011, p. 112): “*Os fenômenos naturais tornam-se desastres quando encontram uma sociedade vulnerável*”. Essa formulação sintetiza a ideia de que os desastres são socialmente produzidos, concepção amplamente presente na literatura contemporânea sobre riscos e reiterada nas produções do Gepeger.

Os estudos do Gepeger reinterpretam as contribuições portuguesa e francesa à luz das especificidades brasileiras, marcadas por um país continental (em que as questões ambientais são diversas e distintas em várias regiões), por profundas

desigualdades socioeconômicas e por padrões de urbanização excludentes. Assim, a discussão do espaço geográfico e dos riscos se dá por meio das categorias Paisagem, Território e Lugar, já indicadas por Souza (2013). Nessa direção, os conceitos de risco, perigo, crise são fortemente considerados em todos os trabalhos e o de vulnerabilidade assume papel central não apenas como condição técnica ou ambiental, mas como expressão das desigualdades estruturais da sociedade. Esse fato está marcadamente nos trabalhos de Pereira e Souza (2022), Pereira (2024) e Silva (2025) que consideram a questão da estrutura patriarcal e a questão de gênero no estudo dos riscos sociais relacionados à condição de jovens escolares.

O trabalho das autoras (Pereira, Souza, 2022; Pereira, 2025) inserem-se no campo da Geografia dos Riscos Sociais, articulando-o com as contribuições da Geografia Cultural Renovada, das Geografias Feministas e da Educação Geográfica. As autoras partem da compreensão de que a sociedade contemporânea, marcada pelo modo de produção capitalista, reproduz riscos de natureza diversa, entre os quais os riscos sociais, frequentemente invisibilizados em comparação aos riscos naturais e ambientais. Nesse contexto, o corpo feminino, compreendido como construção social, cultural e espacial, emerge como escala privilegiada de análise do risco (Pereira, Souza, 2021; Pereira, 2025).

Outro aspecto relevante são as perspectivas sistêmicas e complexas entre muitos dos trabalhos (Soares, Resende e Souza (2014); Fontes (2021); Romano (2024); Giarola (2025)). Nessa perspectiva, o risco é tratado como fenômeno multicausal, dinâmico e relacional, resultante da interação entre fatores naturais, sociais, econômicos e políticos. Essa abordagem supera explicações deterministas, lineares e monocausais, aproximando-se de paradigmas contemporâneos, que enfatizam a interdependência entre sistemas naturais e humanos. A complexidade dos processos é evidenciada na análise das crises e desastres como eventos que revelam a fragilidade das estruturas territoriais e institucionais. Tal concepção aproxima-se da ideia de que os problemas socioambientais não podem ser explicados por relações lineares de causa e efeito, exigindo abordagens integradoras.

Produção mais recente (Pereira e Souza, 2023; Pereira, 2024) amplia a análise para dimensões interseccionais, incorporando a problemática das identidades e das diferenças como categorias constitutivas das experiências espaciais, com ênfase nas

questões de gênero e nas múltiplas formas de vulnerabilidade social que marcam os diferentes sujeitos (Pereira, 2024). Segundo as autoras, *“Determinados grupos sociais, especialmente mulheres e populações em situação de vulnerabilidade, encontram-se mais expostos aos riscos devido às condições estruturais de desigualdade”* (Pereira; Souza, 2023, p. 29). Essa ampliação temática demonstra a incorporação de perspectivas contemporâneas das ciências sociais e dos estudos socioambientais. Essa perspectiva contribui com as produções do Gepeger, que indicam novos eixos, a saber:

- Ampliação do debate sobre riscos sociais no campo do Ensino de Geografia;
- Incorporação do corpo como escala de análise geográfica referente aos riscos;
- Problemática da vulnerabilidade de gênero como risco social;
- Crítica à invisibilização das desigualdades de gênero nas análises espaciais tradicionais, relacionados aos riscos;
- Papel da Educação Geográfica na construção de um olhar espacial crítico e emancipatório a partir da questão dos riscos;
- Necessidade de integrar temas emergentes, como gênero e risco social, ao ensino de Geografia, entre outros.

Trata-se, portanto, de uma contribuição relevante para pesquisas que articulam riscos, vulnerabilidade, gênero e Ensino de Geografia, especialmente no contexto brasileiro.

No campo do Ensino de Geografia a produção do Gepeger fundamenta-se em uma concepção crítica de educação. Nesse âmbito, a Educação Geográfica é compreendida como processo e “fim” (Souza, 2023) para a formação de sujeitos capazes de interpretar o espaço de forma reflexiva e de atuar na transformação de sua realidade. Nesse sentido, a educação para os riscos e desastres não se restringe à transmissão de informações técnicas, mas envolve o desenvolvimento do pensamento geográfico, da consciência socioambiental e da participação cidadã. Essa orientação aproxima-se das pedagogias críticas, nas quais o conhecimento é concebido como prática social e política.

A Educação Geográfica é concebida como “instrumento” para a leitura reflexiva do espaço e para a intervenção social. Essa perspectiva converge com a afirmação de Milton Santos (2000, p. 79) de que *“a cidadania só se torna plena quando o indivíduo compreende o espaço em que vive”*. Desse modo, uma Educação para os riscos e desastres não pode se limitar à transmissão de conteúdos técnicos, mas envolve o desenvolvimento do pensamento geográfico, da consciência socioambiental e da

participação social. Pois, *“Os desastres não são naturais; eles ocorrem quando processos perigosos atingem populações vulnerabilizadas, cujas condições de vida ampliam os impactos dos eventos extremos”* (Souza, 2020, p. 56). A autora também enfatiza o caráter desigual dos impactos dos riscos. Em estudo sobre Educação para o risco, afirma que *“a vulnerabilidade está diretamente associada às desigualdades socioespaciais, à precariedade da infraestrutura urbana e à exclusão territorial”* (Souza, 2022, p. 103).

No âmbito do Ensino de Geografia e da Educação Geográfica, considerado pelo Gepeger, o risco é tratado como categoria analítica e educativa, fundamental para compreender a produção desigual do espaço e formar sujeitos capazes de interpretar, prevenir e agir frente aos desastres considerados a partir da abordagem socioambiental.

A incorporação da Educação para Redução do Risco de Desastres (ERRD), alinhada ao Marco de Sendai (UNDRR, 2015), amplia ainda mais o horizonte epistemológico do grupo Gepeger. A ERRD introduz princípios como prevenção, resiliência, participação comunitária e integração entre ciência, políticas públicas e educação. Desse modo, o conhecimento geográfico é mobilizado não apenas para compreender os riscos, mas também para reduzir possíveis impactos, reforçando a dimensão prática e transformadora da educação.

Nessa linha de pensamento, a Educação para Redução do Risco de Desastres destaca a educação como eixo estratégico da prevenção. A pesquisa de Selby e Kagawa (2012) e os documentos da UNESCO (2023) reforçam a necessidade de integração da ERRD aos currículos escolares. Nessa perspectiva, verificam-se convergências entre as propostas do Gepeger, especialmente no que se refere à formação docente e à educação territorializada, com documentos e os marcos internacionais de Hyogo e Sendai. Nesse sentido, *“A educação para os riscos deve priorizar a prevenção e a construção de uma cultura de segurança, fortalecendo a capacidade das comunidades de compreender e enfrentar as ameaças socioambientais”* (Souza, 2023, p. 68). Tal enfoque evidencia o papel estratégico da educação na construção da resiliência social e territorial.

Portanto, as produções do Gepeger concebem o risco como processo socialmente produzido no território, resultante da interação entre fenômenos naturais e condições socioeconômicas historicamente construídas. Tal concepção rejeita explicações naturalizantes e enfatiza a necessidade de uma Educação Geográfica crítica, capaz de promover a compreensão das causas estruturais dos desastres e de contri-

buir para a construção de sociedades mais resilientes e socialmente justas. Nesse sentido, o processo para essa construção envolve a mobilização de conceitos, de conhecimentos científicos, mas, também, de conhecimentos que decorrem das experiências vividas no cotidiano e, especialmente, na escola, na/pela Geografia Escolar.

Para encerrar a seção, foi elaborado uma síntese das abordagens do risco e da Educação Geográfica em contexto epistemológico distinto, em formato comparativo, como possibilidade didática para a discussão desenvolvida nesta parte do texto, ainda que possa ser muito sintética (QUADRO I).

Concepção de risco e abordagens de referência nos trabalhos do Gepeger

Nas produções do Gepeger ao longo de uma década, a abordagem ambiental é consolidada com a adoção do termo socioambiental em diversas publicações, a qual busca evidenciar a importância e a participação da dimensão da sociedade “*parte fundamental dos processos relativos à problemática ambiental contemporânea*” (Mendonça, 2001, p. 117).

Essa presença e consolidação é observada desde 2013 e se estende aos dias atuais. Nesse período, destaca-se a partir de 2018 o foco na prática docente, com preocupação quanto à relação teoria-prática, a relação entre conteúdo específico e os pedagógicos, com referência ao tema relacionado aos riscos naturais e ambientais e a sua abordagem pedagógica. Além desse aspecto, a discussão sobre conhecimento docente na formação inicial e continuada é valorizada em produções desse período, que se prolonga também aos anos seguintes. A partir de 2021, tem destaque a ampliação do assunto relacionado aos riscos e a educação geográfica, com a inserção da abordagem do gênero, do corpo como escala geográfica de análise, assim como os mapeamentos participativos e colaborativos dos estudantes no âmbito escolar. Esses marcos temporais são melhor discutidos nos parágrafos subsequentes.

Desse modo, a discussão nesta seção começa com o trabalho de Souza (2013), que se dedica à pensar sobre riscos e Ensino de Geografia representado em sistema conceitual como proposta teórico-metodológica (fig. 1) na interface dos conhecimentos das ciências cindínica, geográfica e a educação e a adoção do termo socioambiental.

QUADRO I - Abordagem epistemológica comparativa sobre a relação risco e educação geográfica.
TABLE I - Comparative epistemological approach to the relationship between risk and geographic education.

Dimensão	Positivista / Naturalista	Idealista / Culturalista	Crítica materialista (Geografia Crítica)	Abordagem socioambiental contemporânea - Gepeger
Fundamento filosófico	Empirismo, neopositivismo, determinismo	Fenomenologia, humanismo cultural	Materialismo histórico-dialético	Crítica socioespacial e complexidade
Concepção de espaço	Espaço físico mensurável	Espaço vivido, simbólico	Espaço como produto social	Espaço/território como sistema socioambiental
Concepção de território	Recorte administrativo ou físico	Identidade, pertencimento	Relações de poder e apropriação	Espaço de desigualdades e vulnerabilidades
Natureza dos riscos	Fenômenos naturais quantificáveis e qualificados	Percepção subjetiva do perigo	Produção social do risco	Processo socioambiental multicausal
Papel da sociedade	Secundário (ênfase no natural)	Central na construção simbólica	Determinante nas vulnerabilidades	Interação dialética sociedade-natureza
Vulnerabilidade	Pouco considerada	Experiência subjetiva	Resultado das desigualdades sociais	Condição socioespacial estruturante e fatores naturais e sociais
Desastres	Eventos naturais extremos	Eventos traumáticos vividos	Expressão de injustiça socioespacial	Convergência entre perigo e vulnerabilidade
Educação geográfica	Transmissão de conteúdos físicos	Formação cultural e identitária	Formação crítica e emancipatória	Educação para prevenção e cidadania territorial
Finalidade educativa	Conhecimento técnico-científico	Compreensão do mundo vivido	Transformação social	Construção de cultura de segurança e resiliência
Método predominante	Quantitativo e modelagem	Interpretativo	Dialético e histórico	Interdisciplinar e sistêmico
Síntese interpretativa	Risco como fenômeno natural	Risco como experiência	Risco como construção social	Risco como processo socioambiental territorial

Parte I: Ensino dos Riscos e Geografia Escolar: Perspectivas Teórico-Conceituais

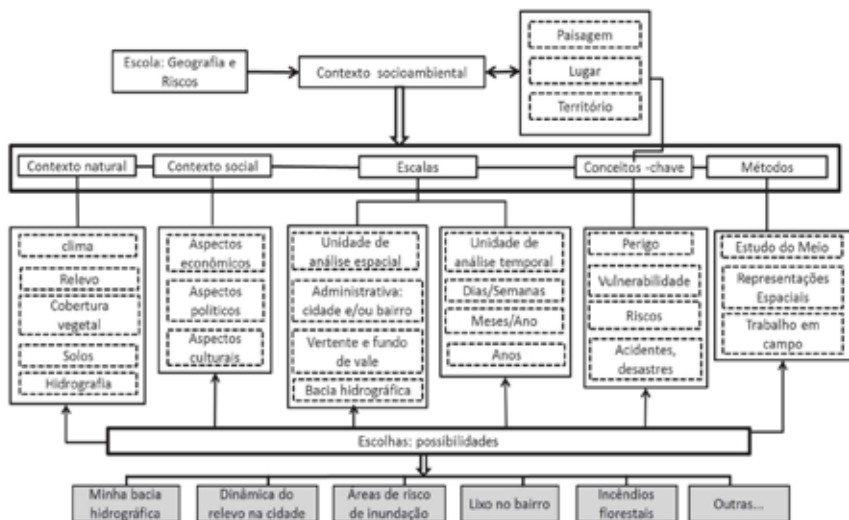


Fig. 1 - Concepção teórico-metodológica: prática educativa com o tema Riscos e Geografia (Fonte: Souza, 2013, p. 138).

Fig. 1 - Theoretical-methodological conception: educational practice with the theme of Risks and Geography (Source: Souza, 2013, p. 138).

Na representação, a autora destaca a centralidade da discussão do espaço geográfico a partir da abordagem socioambiental e das categorias Paisagem, Lugar e Território, na interface Geografia e Riscos no âmbito escolar. Nessa discussão, são destacadas as dimensões do contexto natural e social, assim como as escalas espacial e temporal (conceitos fundamentais para a Geografia) seguidas de conceitos-chave das ciências cindínicas e de métodos que envolvem o estudo do meio, o trabalho de campo e a representação espacial no Ensino de Geografia. Embora cada um desses elementos estejam retratados separadamente na representação, eles são articulados na base onde inferem-se as possibilidades de fenômenos e temas a serem considerados na escola e que mobilizam essas dimensões no processo da análise geográfica.

A autora considera a representação e sua reflexão a partir da tríade conceitual Riscos – Geografia – Educação, a qual foi considerada na identificação e formação do grupo em 2014. A essa tríade, articula-se a abordagem socioambiental, de modo crítico e interdisciplinar mobilizando um conjunto de conceitos oriundos da Geografia, das ciências Sociais, da Educação e da ciências dos Riscos, considerados

e ampliados nas produções do Gepeger, conforme é possível verificar a partir das abordagens e discussão presentes nos parágrafos seguintes.

Desse modo, partindo de Souza (2013), a maioria das produções realizadas pelos membros do Gepeger segue o referencial teórico-conceitual considerado pela autora, sendo ampliado gradativamente ao longo da década 2014-2025. Este fato pode ser observado nos trabalhos de Souza (2016); Ferreira, Tarôco e Souza (2016); Silva, Pereira e Souza (2016); (Silva, 2017); Souza e Silva (2018); Souza, Oliveira, Pereira (2022); Souza, Ferreira e Oliveira (2023); Pereira, Souza (2024), Sousa, Giarola, Souza (2024), entre outros.

Estes trabalhos se fundamentam no diálogo estabelecido com duas matrizes teóricas centrais nos estudos contemporâneos sobre riscos, à portuguesa, representada sobretudo por Fernando Rebelo e Luciano Lourenço, e a matriz francesa, associada principalmente aos trabalhos de Yvette Veyret, conforme citado na seção anterior. Essas matrizes são acompanhadas por outros autores, especialmente no Brasil.

A influência portuguesa é predominante na estrutura conceitual dos textos produzidos pelo Gepeger, ainda que incorporem contribuições francesas para ampliar as reflexões teóricas e as propostas didático-pedagógicas com ênfase na análise socioambiental, abordagem predominante nos estudos e pesquisas realizados nos trabalhos do Gepeger, o que marca a influência da proposta inicial de Souza (2013).

Fundamentadas nessas duas matrizes teóricas, que apresentam elementos comuns e distintos, as produções foram constituídas. Mas, desenvolveu o caminho próprio a partir da realidade brasileira e das necessidades sociais, culturais e políticas presentes em Minas Gerais, estado onde o grupo foi formado. Para compreender melhor esse caminho, é fundamental retomar as contribuições das matrizes de referência e em diálogo com a produção do Gepeger, apresentadas e comentadas nos parágrafos seguintes.

Uma importante contribuição dos portugueses refere-se à necessidade do rigor terminológico, uma vez que verificam-se diferentes concepções e abordagens que se distanciam e ou se aproximam em virtude, também, da tradução para outros idiomas. Desse modo, Rebelo (2001, 2010) e Lourenço (2006) defendem a necessidade de rigor na distinção entre perigo, risco e desastre. Tal rigor é fundamental tanto para a análise científica quanto para a aplicação prática do conhecimento em planejamento territorial, proteção civil e no campo da educação. Neste âmbito,

cabe ressaltar que entre as décadas de 1990 à 2016 o professor Luciano Lourenço coordenou o Projeto de Sensibilização e Educação Florestal da População Escolar – PROSEPE, que surgiu da convergência de uma série de ações, resultantes de um longo trabalho de investigação científico-pedagógica, como destacado no site⁴ do Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais (NICIF), uma Unidade de Investigação Científica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Com contribuições recentes, referentes ao rigor terminológico, Lourenço e Almeida (2018) publicam o capítulo intitulado “*Alguns conceitos à luz da teoria do risco*”, além de outros textos já existentes de suas autorias, que passa a constituir mais uma importante referência para os trabalhos do Gepeger, que buscam seguir os estudos no rigor terminológico.

Desse modo, os trabalhos trazem sempre uma revisão conceitual sobre os riscos fundamentados, especialmente, nos autores portugueses e franceses. A partir dessas duas matrizes principais de referências, os trabalhos consideram trabalhos de outros autores - Burton, Kates, White (1978), Cutter (1996), Smith (2001) – especialmente de brasileiros - Marandola Jr., Hogan (2004a, 2004b), Cerri e Amaro (2005), Almeida (2010, 2011) que, de algum modo, se aproximam de uma das duas matrizes em discussão.

É importante considerar que os estudos e as contribuições de Rebelo (1996, 2001, 2010), Lourenço e Almeida (2006, 2018) tem fundamento nos trabalhos de Lucien Faugères, quem lançou os fundamentos da Teoria dos Riscos levada para os estudos em Portugal pelo pesquisador Fernando Rebelo (Lourenço, 2015). Na época, entre as décadas de 1980-1990, a discussão sobre riscos se dava com pesquisadores da Geografia Física, com assuntos relacionados à “*erosão dos solos, risco hidro-climático, risco global, risco morfotectônico, risco de incêndio florestal, risco geomorfológico, risco climático, risco bioclimático, entre outros*”. (Faugères, 1991, p. 181, tradução nossa). Nessa perspectiva, o objetivo foi identificar os processos e descrever as manifestações de risco possíveis e desse modo estabelecer uma lista e uma tipologia geral de riscos naturais. Nesse caso, foi discutida a perspectiva da terminologia ciências geo-cindínica ou geo-ciência dos riscos (Faugères, 1991), “*a fim de facilitar a consideração dos riscos naturais desde os primeiros estágios do desenvolvimento da cindínica* (Faugères, 1991, p. 179, tradução nossa).

⁴ <https://www.uc.pt/fluc/nicif/PROSEPE>

Para Faugères (1990), o risco é a possibilidade de algo vir a acontecer, ainda que não ocorra o perigo efetivo, que, quando existente, tem-se a condição para instalar a crise, ou seja, a plena manifestação do risco que pode se dar como uma catástrofe, um desastre. Para o autor, o conceito de risco está relacionado a um *“sistema complexo de processos cuja modificação de funcionamento é susceptível de acarretar prejuízos diretos ou indiretos a uma determinada população”* (Faugères, 1990, *apud* Lourenço, 2015, p. 7). Nesta concepção, risco é *“algo com potencial que pode vir a se manifestar ou não”* (Lourenço e Almeida, 2018, p. 27), relaciona-se à potencialidade de uma crise, do risco efetivado. Para os autores, ainda que a definição de Faugères (1990) possa parecer simples é considerada completa, uma vez que processos inerentes à manifestação de determinado risco são considerados (Lourenço e Almeida, 2018).

Nessa concepção, a questão de processos constitui parte fundamental no entendimento do conceito de Riscos, que compreende também os conceitos de perigo e crise, concebidos, então, como trilogia-base na Teoria dos Riscos (Lourenço e Almeida, 2018). Nesta perspectiva, risco é *“algo com potencial que pode vir a se manifestar ou não”* (Lourenço e Almeida, 2018, p. 27).

O perigo encontra-se na interfase da relação risco e crise. Quando presente se manifesta mais próxima da crise, num limiar (Lourenço e Almeida, 2018) com indicativo de que possa ocorrer o risco efetivado. O perigo pode constituir uma condição que leva à instalação de processo perigoso, podendo chegar à crise, marcada pelo desastre, ou seja, a plena manifestação dos riscos, a crise instalada (Lourenço e Almeida, 2018). Faugère (1990, *apud* Lourenço, 2015, p. 7) considera que o perigo *“caracteriza uma situação de desregulação do sistema que torna perceptível e desencadeia toda uma série de reações de defesa e de tentativas para restabelecer o modo de funcionamento anterior”*. Essa citação *“deixa subentender o perigo como limiar de transição entre o risco e a crise”*. Essa situação pode fazer referência à diferentes elementos e ou processo que se tornem perigosos no âmbito da situação geográfica em que se manifeste. Essa perspectiva de perigo é muito interessante e importante porque o seu entendimento antecede a noção de processo perigoso aplicada, geralmente, aos processos da natureza, usualmente considerados nos estudos sobre riscos naturais, especialmente os socioambientais.

Desse modo, perigo compreende a percepção da desregulação do sistema, que irá desencadear uma série de reações e defesa. Nesse sentido, perigo relaciona-se à emoção “[...] *sentida e quase instintiva, pouco racional, enquanto que, pelo contrário, o risco é uma construção racional convencionada*” (Lourenço e Almeida, 2018, p. 26). Essa concepção é importante para que a noção de perigo não recaia de modo automático e diretamente sobre os fenômenos da natureza, embora eles possam fazer parte dos processos perigosos como um sinal de alerta, para a iminente manifestação da crise.

Nos estudos brasileiros, muitos autores consideram os fenômenos naturais envolvidos em situações de riscos ou de crise, como um processo perigoso associado à ideia de perigo, um pouco diferente da discussão feita por Lourenço e Almeida (2018). Esse fato é observado também nos trabalhos do Gepeger, especialmente nos trabalhos que envolvem práticas educativas e pedagógicas no âmbito escolar, nas quais o foco da discussão está em fenômenos do espaço geográfico envolvendo os componentes físico-naturais, antrópicos e ações sociais na escala local, como em Silva (2017), Fonte (2019). Nessa perspectiva, os trabalhos consideram a análise geográfica a partir da aplicação da ideia de riscos e de processos perigosos que se manifestam em interação com as demais condições antrópicas locais. As condições físicas locais e os processos relacionados aos componentes físico-naturais, como cobertura vegetal, clima regional, ‘solo-rocha-relevo’ (Fontes, 2019) quando observados e identificados *in loco*, facilitam o início do processo de análise geográfica, com foco nos riscos, devido à compreensão da condição espacial e temporal de ocorrência dos aspectos envolvidos – ambiente, perigo, riscos. Nesse sentido, como a ideia de área de risco compreende a presença humana, a questão da vulnerabilidade das pessoas, da população e ou da comunidade, a esses processos, em função da combinação de vários fatores (exposição, infraestrutura, condição sócio econômica, etc.), é considerada também nos referidos estudos.

Nesses trabalhos, a ênfase está na análise geográfica a partir da categoria riscos, com destaque para elementos visíveis no espaço, como fixos e fluxos (Santos, 1998) que podem ser observados e relacionados na escala do vivido. Desse modo, ao se considerar as condições estruturais, populacionais e físicas locais e inserir um outro componente no tempo e no espaço observado, como precipitação extrema, ganham

maior visibilidade as consequências que decorreram dessa combinação e interação entre componentes físico-naturais e ações antrópicas. Essas consequências, geralmente negativas, remetem a medo, insegurança, perdas de bens materiais, imateriais e até de vida. Nesse sentido, o processo de precipitação como a chuva passa a ser lido como um sinal de alerta, um processo perigoso, que na interpretação ontológica dos riscos, é o elemento perigo que está no limiar do risco para a crise, como discutido por Fernando Rebelo e Luciano Lourenço em suas produções.

Portanto, embora a concepção se fundamente em reflexões relacionadas à questão dos riscos associados à fenômenos, especialmente aos naturais, o fenômeno em si não é perigo. Mas, ao se considerar o contexto geográfico, que envolve a presença de pessoas, comunidades, indivíduos, o processo físico-natural é (re)significado nessa condição de análise como um processo perigoso, pois em virtude da combinação de vários fatores e elementos espaciais objetivos, a ocorrência de um fenômeno natural pode contribuir para que uma situação de risco seja transformada em situação de crise.

É importante destacar que, nos trabalhos de Silva (2017), Fonte (2019) e outros do Gepeger, não há o objetivo de qualificar os fenômenos naturais como perigo em si. Mas, de considerá-los em um contexto geográfico que sob a perspectiva da análise dos riscos, que envolve a noção de perigo, crise e vulnerabilidade, o processo natural que compõe a situação de risco é concebido como um processo perigoso, percebido, então, em sua dinâmica em interação com os demais componentes espaciais, em um determinado recorte temporal e espacial.

A percepção do processo, que passa a ser concebido como perigoso, implica, também, no sentimento de que algo pode vir a acontecer de negativo⁵, em decorrência da combinação e interação desse processo e vários fatores locais. Nessa perspectiva, o perigo compreende percepção e sentimento de medo em relação a algo e que está mais próximo de um desequilíbrio, que culmine no risco efetivado (a crise).

A abordagem conceitual que considera a noção de processos, sistema em desequilíbrio levando à crise, e a sua aplicação nos estudos dos riscos, se aproxima da abordagem teórica funcionalista e pragmática. Pois, como discutido por Marandola

⁵ O negativo é, geralmente, o aspecto mais presente nos estudos, embora o risco possa chegar à algo positivo.

Jr. e Hogan (2004a, p. 27) “*há uma preocupação localizada, que analisa as dinâmicas envolvidas (sejam de origem natural, social ou tecnológica), sem uma ligação mais evidente com as macro-estruturas sociais ou culturais*”. Os estudos se fundamentam nos riscos a partir da empiria, em que eventos naturais são bastante considerados e ligados à [...] *Geomorfologia (riscos de deslizamentos, de assoreamento, de erosão), à Climatologia (riscos de geada, de seca, de furacão, de tornado, de granizo, de neve), à Hidrologia (risco de contaminação das águas subterrâneas) e à Geologia (riscos de terremotos, de erupções vulcânicas)* (Marandola Jr., Hogan, 2004a, p. 34).

A postura pragmática, funcionalista e empirista é mais evidente nos estudos que consideram a discussão dos riscos naturais e socioambientais. Essa questão pode ser verificada no trabalho de Ferreira, Taroco e Souza (2016, p. 616) também. Os autores, ao buscarem definir risco natural e ambiental destacam que “*os riscos naturais são pressentidos, percebidos e suportados por um grupo social ou um indivíduo sujeito a ação possível de um processo físico, enquanto o risco ambiental é a associação deste (físico) com os processos agravados pela atividade humana e pela ocupação do território*”. Os autores consideram a questão da percepção do perigo, sendo este relacionado aos processos físico-naturais por considerarem a ideia de risco natural. Em relação ao risco socioambiental, ampliam-se os processos com aqueles de natureza antrópica. Embora os autores considerem a questão da ocupação do território, como é destacado por Veyret (2007), a compreensão e distinção dos tipos de riscos – natural e ambiental – ocorre com base na interação de processos diversos e seu funcionamento. Nessa classificação, leva-se em consideração a gênese de um perigo, que pode ser de ordem natural ou mista, como discutidos pela literatura portuguesa.

Os autores Lourenço (2006) e Rebelo (2001, 2010) trabalham o contexto de riscos e os tipos de riscos em Portugal com ênfase na abordagem dos aspectos físico-naturais, trazem nos estudos a identificação e caracterização do evento natural envolvido no desastre, suas consequências física, econômica e social, como manifestação do risco. De modo semelhante, pesquisadores como Burton, Kates, White (1978), Cutter (1996), Smith (2001) dão ênfase à questão dos aspectos físico-naturais também. No Brasil, Cerri e Amaral (1998), Castro, Peixoto e Rio (2005), entre outros, seguem essa linha.

Entre as produções do Gepeger, embora a base conceitual seja de pesquisadores portugueses, os autores incorporam também contribuições francesas, especialmente de Yvette Veyret (2007), para ampliar e problematizar a separação rígida entre riscos naturais, sociais, antrópicos e tecnológicos. Na perspectiva francesa, o risco é onipresente, é entendido como uma construção socioespacial, na qual o ser humano é simultaneamente aquele que contribui para o agravamento e a situação de riscos, bem como o que dá sentido e significado para existência dos riscos.

Essa perspectiva é fundamental para ampliar o entendimento e a análise dos riscos, especialmente os socioambientais, permitindo compreendê-los como fenômenos complexos, resultantes da apropriação desigual do território e das relações de poder. Nessa perspectiva, a discussão dos riscos amplia e dá ênfase às interações estabelecidas na relação sociedade e natureza, trazendo para o centro a questão da produção do espaço, da sociedade, da população, comunidades e indivíduos. Nesse sentido, a discussão do risco reforça o diálogo profundo com a Geografia crítica, embora seja um tema interdisciplinar.

Ao considerar o risco à luz da Geografia, a questão da espacialidade do fenômeno é essencial. Nesse aspecto, a identificação da convergência de diversos fatores e condicionantes em um mesmo espaço constitui ação inicial, empírica e reflexiva sobre o espaço geográfico considerado no estudo, que pode e precisa ser aprofundada ao considerar outros elementos que se apresentam invisíveis, como a conexão local com a macro-estrutura econômica e política, como exemplos. Nesse sentido, consideram-se tanto os aspectos horizontais, quanto os verticais discutidos por Milton Santos (1996).

Retomando as contribuições de Yvette Veyret (2013, p. 12), o risco como objeto é “[...] *a percepção de uma potencialidade de crise, de acidente ou de catástrofe, o que não é, portanto, o acontecimento catastrófico propriamente dito*”. Nessa perspectiva, a concepção de risco se aproxima das discussões realizadas também pelos geógrafos portugueses anteriormente citados. Mas, Veyret (2013) considera na reflexão sobre riscos a questão da vulnerabilidade das pessoas com maior centralidade se comparada com os estudos portugueses. Nesse sentido, importantes elementos espaciais e condicionantes objetivos e subjetivos contribuem para dizer sobre o maior ou menor nível de vulnerabilidade de determinada comunidade em relação

ao perigo e à própria percepção sobre esse perigo. Nessa abordagem estão autores brasileiros como Almeida (2011, 2012), Júnior e Silva (2015), Dagnino (2007), Souza e Zanella (2009), Jacobi (2005). O conceito e a abordagem da vulnerabilidade é um aspecto central na discussão dos riscos nos estudos de Marandola Jr. e Hogan (2004a, 2004b), importante referência para os trabalhos do Gepeger também.

Para Veyret (2013), qualquer condição potencial e ou objetiva sobre um indivíduo, sociedade e território, que pode levar à morte, ferimento ou dano à propriedade é perigo. Para a autora, risco, perigo e vulnerabilidade são indissociáveis. A vulnerabilidade, segundo a autora, não pode ser definida com “*simples índices científicos ou técnicos*”, pois, “[...] *coloca em jogo aspectos físicos, ambientais, técnicos, dados econômicos, psicológicos, sociais, políticos*” (Veyret, 2013, p. 40). Nesse caso, “*o risco é definido após o conhecimento do grau de vulnerabilidade e do perigo, pois ele é o resultado desta relação*”. Assim, *o risco é uma situação ou uma condição*”. (Marandola Jr. Hogan, 2004a, p. 47).

Nessa perspectiva conceitual e epistemológica, o risco concebido como um objeto social leva em consideração a percepção que determinada comunidade tem dele, o contexto histórico, as relações com o espaço geográfico, os modos de ocupação dos territórios e as relações sociais estabelecidas. Nessa perspectiva, os processos existem, ocorrem, são considerados nos estudos, mas não são a centralidade. Como abordagem teórica e de método, se aproxima mais da perspectiva histórico-dialética.

O trabalho de Pereira e Souza (2022) se aproxima dessa abordagem ao considerar a questão do risco antrópico, com ênfase no risco social, atribuído à questão da vulnerabilidade de jovens alunas na cidade de São João del-Rei. O trabalho mobiliza conceitos estruturantes da Teoria dos Riscos, assim como o conceito de vulnerabilidade, para enfatizar fenômenos e características sociais que produzem vulnerabilidade em relação aos sujeitos, tornando-os mais expostos a situações perigosas (Pereira e Souza, 2022). Para essa discussão, as autoras consideram a vulnerabilidade de gênero e recorrem à categoria Gênero, discutida por Butler (2018). Este “[...] *compreende o gênero como um mecanismo e dispositivo de poder, que regula as práticas humanas e cria fixos de feminilidade e masculinidade instituídos como “naturais”, a partir da relação gênero-práticas-fixações*” (Pereira e Souza, 2022, p. 549).

Diferentemente dos trabalhos que se fundamentam na abordagem sistêmica e nas categoria Paisagem e Lugar para a discussão dos riscos relacionados aos socioambientais (Souza, Araújo e Giarola, 2021; Giarola, Sousa e Souza, 2024), o trabalho de Pereira e Souza (2022) considera as contribuições advindas da Geografia Cultural Renovada, das chamadas Geografias Feministas “*que priorizam nos estudos espaciais a dinâmica do corpo, identidade, poder e sujeitos*” (Pereira e Souza, 2022, p. 549). Nesse sentido, o fundamento está na trilogia dos conceitos risco/perigo/vulnerabilidade, corroborando com os pensamentos de Veyret (2013), Silva e Souza (2016) e Silva (2017).

A discussão de Pereira e Souza (2022), marca o início da ampliação das discussões sobre riscos no Gepeger, com base nas contribuições da matriz francesa com a Veyret (2007), em diálogo com abordagem da Geografia Cultural e Feministas, sem desconsiderar o rigor terminológico discutidos pelos portugueses sobre risco e perigo, a tipologia (risco social), mas ampliando a discussão a partir do risco antrópico com a mobilização dos conceitos vulnerabilidade, riscos e o corpo como escala geográfica. Portanto, fundamentadas na discussão de que “*um perigo possível, mais ou menos previsível, que expõe um grupo ou indivíduo como alvos de possíveis perdas e danos*” (Veyret, 2007, p.30), as autoras consideram que,

“[...] o conceito de risco ancora-se em uma perspectiva de fragilidade presente na realidade de um grupo social ou sujeito, alvo da possibilidade de processos ou de situações perigosas decorrentes de vários aspectos. Nesse contexto, o conceito cindínico de vulnerabilidade constitui-se como um importante aporte na análise da exposição dos corpos a possíveis situações de riscos e perigos, socialmente instituídas por relações territoriais de poder” (Pereira e Souza, 2022, p. 552).

Nessa abordagem, a discussão em torno dos riscos pode ser compreendida a partir da combinação de diversos fatores sociais, culturais, políticos, ambientais e econômicos (Pereira e Souza, 2022), sem contudo desconsiderar a classificação tipológica dos riscos, utilizando-a como um caminho didático e analítico, o que aproxima novamente da tradição portuguesa, relacionada à tipologia dos riscos.

Neste caso, aos riscos antrópicos. Conforme a geógrafa portuguesa Fátima Vélz de Castro (2021, p. 2),

“[...] as ciências cindínicas antrópicas interessam-se por temas como o comportamento das multidões (histerias de massas, pânico, atitudes de grupo, etc.), tensão social (atritos comunitários, etc.), repressão (estigmatização, violência, etc.), saúde (epidemias, pandemias, etc.), justiça (rutura do sistema prisional, etc.), criminalidade (terrorismo, violência, etc.), migrações (tráfico, racismo e xenofobia, desterritorialização, etc.), entre outros”.

A autora ressalta que “a crescente diversidade e complexidade dos riscos sociais tem trazido para a discussão novas problemáticas” (Velez de Castro, 2021, p. 17), cabendo à Geografia considerá-las em seus estudos, “tendo em conta toda a linha epistemológica humanista, que derivou na constituição de uma Geografia social”.

Nessa perspectiva, encontram-se trabalhos do Gepeger mais recente, relacionados aos contextos de crise social e sanitária, a partir da década de 2020. Em capítulos publicados em coletâneas da RISCOS, em livros associados à AGB-Bauru, os autores Souza, Oliveira e Pereira (2022) e Pereira, Giarola, Souza (2023a) discutem a vulnerabilidade de grupos específicos intensificada pela pandemia da Covid-19, ressaltando que os riscos sociais revelados pela pandemia já estavam inscritos no território, ainda que invisibilizados (Pereira; Giarola, Souza, 2023a).

A partir das contribuições das duas matrizes teóricas e dos trabalhos analisados do Gepeger, é possível identificar e sintetizar os principais aspectos teóricos (QUADRO II) verificados na abordagem portuguesa e francesa, a partir dos autores considerados e das leituras realizadas neste texto.

Conceitos e temas centrais nas propostas didático-pedagógicas do Gepeger

O conceito central da maioria das produções do Gepeger é o risco socioambiental, compreendido de forma relacional e sistêmica, articulando, de modo particular,

QUADRO II - Aspectos teóricos e diferenças entre autores Portugueses e Franceses.

TABLE II - *Theoretical aspects and differences between Portuguese and French authors.*

Aspectos	Rebello / Lourenço (Portugal)	Veyret (França)
Concepção de risco	Probabilidade associada a relação risco, perigo e crise	Construção social complexa, envolvendo risco, crise e vulnerabilidade
Rigor terminológico	Distinção entre perigo, risco, crise e catástrofe	Menor ênfase na distinção formal
Classificação dos riscos	Uso recorrente de tipologias - natural, misto e antrópico	Crítica às tipologias rígidas
Ênfase analítica	Escalas geográficas e aplicação prática no planejamento e gestão territorial	Dimensão social e política do risco
Educação e prevenção	Centralidade da Educação para o risco e prevenção	Abordagem indireta

processos naturais, ações antrópicas, vulnerabilidade social, dinâmica da paisagem e ocupação do território. Ao utilizarem o termo socioambiental, os autores fazem referência à Francisco Mendonça (2001, 2011) que considera relevante destacar a dimensão social presente no conceito de ambiente, especialmente na geografia, diferentemente da ciências biológicas que tende a considerar a dimensão da natureza ao tratar desse conceito. Apesar dessa ressalva, em alguns textos o termo risco ambiental é utilizado também.

Outro conceito estruturante nas produções, especialmente nas mais recentes, é o de vulnerabilidade; nem sempre explicitado de forma sistemática nas produções anteriores a 2020. A vulnerabilidade aparece como conceito articulador, associada às condições socioeconômicas, à exposição diferencial aos riscos, à capacidade (ou incapacidade) de antecipação, de prevenção e ou de resposta (Souza, Giarola, Souza, 2024). Na educação geográfica, a ausência desse conceito compromete a compreensão dos riscos enquanto processos socialmente construídos, podendo levar à naturalização dos desastres, frequentemente atribuídos apenas a eventos climáticos extremos, como chuvas intensas ou estiagens prolongadas.

As categorias de análise socioespacial Lugar, Paisagem, Território e o conceito de escala são mobilizados nas produções do Gepeger, principalmente nas práticas docentes

discutidas nos textos que abordam a formação de professores (Silva, 2017; Souza e Silva, 2018), Souza, Pereira, Giarola, (2023); Pereira, Giarola e Souza (2023b). Nas práticas docentes discutidas, as categorias e conceitos constituem base teórica e metodológica para a leitura do espaço, associados à tentativa de aproximar o conteúdo da realidade vivida pelos estudantes. Silva (2017) destaca que apesar da relevância dessas categorias, verifica-se entre os professores de Minas Gerais, a falta do aprofundamento teórico necessário para articular tais categorias à discussão dos riscos socioambientais ou sociais. Nesse sentido, pode ser ressaltada a importância e a necessidade de se estabelecer na formação docente a discussão dos conceitos dos riscos com as categorias de análise geográfica, articuladas com a dimensão do trabalho pedagógico na escola.

Em Souza (2021), Romano (2024), Souza, Giarola e Pereira (2025) e Giarola (2025), o foco é ampliado para a paisagem escolar urbana, com ênfase na Geoecologia das Paisagens e na leitura sistêmica do espaço, por meio do uso de imagens de satélite em séries temporais, elaboração de transectos, perfis topográficos e quadrantes de uso do solo. Nesse sentido, revela uma metodologia híbrida, que articula procedimentos científicos clássicos da Geografia Física com finalidades pedagógicas.

Ao incorporar a Geoecologia das Paisagens como fundamento, o texto amplia o repertório da Educação Geográfica para os Riscos, demonstrando que o mapeamento da paisagem do entorno escolar pode funcionar simultaneamente como instrumento científico, estratégia didática, prática de cidadania territorial, que toma a paisagem como ponto de partida.

Entre as produções do Gepeger, há uma preocupação em aprofundar a relação entre riscos socioambientais e práticas pedagógicas. Esse fato é evidente em várias publicações, como em Ribeiro; Tarôco; Souza (2016) ao destacarem que a abordagem do risco ambiental na educação básica exige articulação entre conhecimento científico, saberes locais e práticas pedagógicas contextualizadas. Soares, Resende e Souza (2014), ao analisarem experiências educativas no ensino básico, ressaltam que as áreas de risco socioambiental constituem fenômenos que podem se tornar conteúdo na Geografia, auxiliando na formação cidadã.

No âmbito da formação docente, enfatiza-se a necessidade de mediação didática dos conceitos geográficos, assim como os relacionados às ciências cindínicas. Desse

modo, Soares, Resende e Souza (2014) propõem um percurso de análise geográfica sobre a situação de risco do bairro São Dimas, como proposta em trabalho final no âmbito de uma unidade curricular na graduação em licenciatura em Geografia, em 2013. No percurso são considerados tanto os aspectos sociais e econômicos da população, quanto os processos físicos relacionados às cicatrizes de voçorocamento no bairro, situado ao lado da universidade. A partir dessa paisagem e território de exclusão, marcado pelas condições do bairro São Dimas, as autoras contribuem com a análise geográfica à luz dos riscos socioambientais, pensada para o ensino de Geografia. Nessa proposta de prática educativa são consideradas atividades, aproximando teoria e prática na educação escolar, definidas por Saviani (2011) como ações e atividades que consideram: a) prática social no ponto de partida - tem como objetivo introduzir o assunto e levantar o conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto; b) atividades de problematização - construir no aluno a necessidade de aprender a partir dos conteúdos escolares; c) instrumentalização - ampliar, “organizar” e fundamentar os conteúdos por meio de pesquisas, aulas, pesquisa em campo; d) produção ou “catarse” - sistematizar os conhecimentos por meio de outros recursos que favoreçam o processo de “síntese” entre o conhecimento prático e teórico, retratados em produções dos alunos e, novamente, e) a prática social dos sujeitos (Soares, Resende e Souza, 2014).

Outros trabalhos desenvolvidos no âmbito da formação inicial, destaca-se a possibilidade de percurso metodológico que considera cinco dimensões essenciais, a saber: a *Problematização do cotidiano observado*, *Saberes e conhecimentos integrados*, *Relação prática-teoria*, *Raciocínio complexo* e a *Representação espacial do fenômeno*. Uma proposta feita por Souza e Oliveira (2011, p. 176/177). As autoras utilizam dessa abordagem para discutir a questão do risco natural e socioambiental relacionado à deslizamentos urbanos, discutidos no contexto de formação de professores de Geografia, em disciplina de Prática de Ensino.

Esta base teórico-metodológica pensada para a formação inicial é adotada nos estudos de Souza, Nogueira, Alves, Fonte (2015); Nogueira, Fonte e Souza (2018) e Souza (2020a), que discutem sobre áreas de riscos ambiental no espaço urbano, a partir do tipo de ocupação do relevo na cidade, por meio de problematizações sobre eventos no cotidiano e fenômenos específicos. Estes são representados de diferentes

maneiras (maquetes, croqui a partir de imagem de satélite) e ou observados a partir de experimentos.

Em perspectiva similar, Souza (2020a) ao discutir sobre riscos e educação geográfica na sala de aula considera dois temas geradores complementares: ‘A água e suas dinâmicas’ e ‘Causas e consequências das ocupações irregulares’. Esses temas foram desdobrados em outros assuntos, depois de problematizados, discutidos a partir de diferentes pontos de vista, sistematizados e apresentados em maquetes pelos graduandos de Geografia. Entre os assuntos, destacam-se: Contrastes na paisagem rural e riscos ambientais; Inundação e alagamentos na cidade, e Risco hidrológico na região da “Ponte dos Cachorros”. As representações em maquetes e mapas foram consideradas no âmbito de propostas didático-pedagógicas com base em Sequência Didática (SD), fundamentada em Antoni Zabala (1998).

Em trabalhos mais recentes, a produção de material didático na formação docente tem destaque com o Boletim Geográfico Escolar⁶, que aborda diferentes tipos de riscos por meio de assuntos específicos articulados à fenômenos brasileiros, em diferentes escalas geográficas, a partir das categorias Paisagem, Território e ou Lugar (Souza, Pereira, Giarola, 2023; Pereira, Giarola e Souza, 2023b). Os temas discutidos nesses boletins variam de riscos naturais, mistos/ambientais a riscos tecnológico e social. Entre os assuntos destacam-se ‘Risco ambiental: queimadas e incêndios em SJDF’; ‘Risco ambiental: inundação e alagamento’; ‘Período das chuvas’; ‘Crise hídrica no Brasil’; ‘Eventos climáticos extremos no Brasil’; ‘Pandemia: prevenção, segurança e desigualdade social’; ‘Cidade e gênero’; ‘Insegurança alimentar: risco e desastre social em curso’; ‘Iluminação pública e espaço urbano’, entre outros.

Nos boletins, considera-se a classificação da tipologia dos riscos discutida pelos autores portugueses que identificam três grandes categorias: risco natural, misto e antrópico. Nesse sentido, os autores dialogam tanto com a literatura clássica, ao apresentar a classificação dos riscos em Naturais (tectônicos, climáticos, hidrológicos, geomorfológicos, biológicos) e Antrópicos (Sociais - associados à pobreza, desigualdade, violência, exclusão), quanto a mais contemporânea, com

⁶ Esses boletins em formato A4, pdf estão disponíveis para download no link:
<https://gepeger.wixsite.com/gepeger/boletim-geografico>

os riscos Tecnológicos (decorrentes de processos produtivos, industriais e do uso da técnica) bastante considerados por Veyret (2013) e Ulrich Beck (2010).

O risco ambiental é considerado aquele que integra todos os demais, uma perspectiva integradora, que questiona a separação rígida entre os tipos de riscos na análise geográfica defendendo que os riscos são cada vez mais híbridos, resultado da complexa interação sociedade–natureza (Veyret e Richemond, 2007; Mendonça, 2021). Esse fato é observado no conteúdo e na discussão presente em vários números do Boletim.

A partir da década de 2020, a ampliação das análises geográfica dos riscos por meio do conceito de risco social os Boletins intitulados Pandemia: prevenção, segurança e desigualdade social; Cidade e gênero; Insegurança alimentar: risco e desastre social buscaram considerar outra abordagem dos riscos, trazendo para o centro da discussão a população, com foco nas condições estruturas que constituem o espaço geográfico e a vulnerabilidade das pessoas nesse espaço. No caso do boletim referente à Cidade e Gênero e na pesquisa de Pereira (2024), a vulnerabilidade é analisada a partir do gênero, sendo o corpo feminino concebido como historicamente mais exposto a situações de violência, insegurança e opressão, em função de estruturas patriarcais e sexistas que se materializam espacialmente. O corpo é abordado como categoria geográfica influenciada pelas contribuições da Geografia Cultural Renovada e das Geografias Feministas, como já discutido em outra seção. O corpo não é tratado como elemento neutro no espaço, mas como corpo vivido, regulado e disciplinado, atravessado por relações de poder (Pereira, 2024).

Conforme a autora, a noção de corpo generificado dialoga com Judith Butler, para quem o gênero é um dispositivo de poder que regula práticas sociais e produz normatizações do feminino e do masculino. Assim, o corpo feminino é compreendido como território de inscrição de normas, violências e riscos sociais (Pereira, 2024). Nessa abordagem, a escala geográfica transita entre a do corpo e a do espaço vivido das jovens estudantes, sendo então discutida a questão dos territórios e das paisagens pela vulnerabilidade social.

Esse movimento e abordagem do risco social na educação geográfica é acompanhado por proposta didático-pedagógica fundamentada na ideia de percurso para mediação didática no Ensino de Geografia (Cavalcanti, 2014, 2019). Essa proposta é aprofundada e discutida por Cavalcanti (2024), que a intitula de

Inovação em propostas de ensino de geografia (IPEGEO), como um caminho metodológico para o ensino com a finalidade de ensinar Geografia, na educação básica, para a formação do pensamento geográfico.

A incorporação do pensamento e do raciocínio geográfico (localização, distribuição, extensão, conexão, analogia e ordem) amplia a capacidade analítica dos estudantes, permitindo compreender: onde os riscos se manifestam, como se distribuem, por que se intensificam, quem são os mais vulnerabilizados, quais relações existem entre fenômenos locais e globais. Mas, não como uma relação de fatos, de modo pragmático, é necessário um pensamento que se dá por conceitos e opera em situações concretas do território vivido.

Nessa perspectiva, os estudos de Pereira (2024) vão se fundamentar nos parâmetros da Ipegeo e do pensamento geográfico para desenvolver a discussão dos riscos sociais e vulnerabilidade de jovens escolares em territórios urbanos, assim como Giarola (2025) que desenvolve uma Proposta teórico-metodológica para a mediação didática no ensino de geografia referente ao risco socioambiental a partir do mapeamento escolar. Essa proposta parte dos fundamentos da Ipegeo em diálogo com percursos didáticos e estratégias de ensino consideradas em trabalhos anteriores e no pensamento e raciocínio geográfico.

Além da dimensão didático-pedagógica para os fins almejados, sejam eles a mediação didática para construir a noção de riscos, a leitura crítica da formação de áreas de riscos e ou construir um modo específico de pensar o espaço, é necessário, também, considerar a dimensão teórico-conceitual da temática risco, bem como uma abordagem crítica e contemporânea. Nesse sentido, Souza (2020, p. 660/661) ressalta que no trabalho docente e nas práticas educativas, com a educação geográfica, se deve considerar:

- i) A compreensão do risco como uma construção social, que envolve aspectos de ordem natural e social (cultural, político e econômico) na produção do risco e na formação de áreas/lugares/territórios de riscos;
- ii) A compreensão de processos que podem vir a se tornar perigosos para as pessoas, para a população e para a sociedade, em interação com ações antrópicas e com os processos naturais (enchente, inundação, precipitação, movimentos de massa, etc.) dentre outros;

- iii) O entendimento de aspectos (infraestrutura, localização, faixa etária, educação, saneamento, dentre outros) que possam contribuir para o aumento ou a redução da vulnerabilidade das pessoas, da população e da sociedade em situação de risco;
- iv) A mobilização para questionar e investigar, sempre que necessário, a configuração do espaço e as práticas socioespaciais do lugar e do território de vivência, por intermédio da produção de documentos (carta, manifesto, informativos, etc.) destinados a gestores públicos, à comunidade, dentre outros.
- v) Ações individuais no presente para a autoproteção e para a proteção do outro, uma forma de cuidar (Boff, 2009) e, no futuro, ações que não contribuam com os condicionantes e processos que compõem novas áreas e territórios em riscos.

Para Souza (2020), esses conhecimentos e ações constituem forma de Conhecimento Poderoso (Young, 2016), que pode estar ao alcance dos estudantes, conhecimentos que poderão auxiliá-los nas ações de medidas de prevenção e de segurança, em curto prazo, quando da ocorrência de um evento danoso e, em longo prazo, para evitar apropriação e criação de espaços inadequados à ocupação humana. Consequentemente, há redução de perdas por motivo de processos de inundação e, ou de movimentos de massa, por exemplo.

Em linhas gerais, o Gepeger constrói uma trajetória teórica e metodológica plural e defende o tema risco como uma categoria de análise, um conteúdo e abordagem importante, relevante socialmente e potente na educação geográfica desenvolvida no âmbito do Ensino de Geografia. Apesar dessa pluralidade, verifica-se uma base geográfica e de educação crítica e social, sem desconsiderar a dimensão físico-natural, com os seus processos, que participa da dinâmica das paisagens e dos territórios sem ser determinista, mas sistêmica, integrada, holística e crítica.

Para finalizar essa seção, o QUADRO III apresenta de modo sintetizado as principais contribuições de autores de referência considerados nas produções do Gepeger, com destaque para a relevância de cada um, para a análise geográfica à luz dos riscos e da educação geográfica.

QUADRO III – Conceitos centrais, referenciais teóricos e contribuições analíticas (síntese).

TABLE III – Central concepts, theoretical references and analytical contributions (synthesis).

Autor(es) de referência	Campo teórico	Contribuição principal para as reflexões do grupo	Relevância para a análise geográfica
Yvette Veyret	Geografia dos Riscos	Risco como construção social	Superação do determinismo
Fernando Rebelo; Luciano Lourenço; Faugère	Ciências Cindínicas Teoria dos riscos	Distinção risco – perigo – crise - desastre	Rigor conceitual
Francisco Mendonça	Geografia Socioambiental	Risco socioambiental Risco híbrido	Risco como categoria
Eduardo Marandola Jr. e Daniel Hogan	Geografia da população e vulnerabilidade	Vulnerabilidade; Condição multidimensional e desigual	Evidencia desigualdades
Joseli Silva	Geografia Cultural Renovada/ Geografia de Gênero	A escala como um importante artifício de análise do corpo Vulnerabilidade de gênero	Construção de um pensamento a partir de olhares invisibilizados no processo de construção espacial
Rui Moreira Paulo Gomes Milton Santos	Epistemologia da Geografia	Princípios lógicos, Pensamento e raciocínio Geográfico Olhar Geográfico, uma forma de pensar o espaço Espaço como produção social	Princípios e modo de pensar o espaço geográfico Compreensão da totalidade socioespacial
Lana Cavalcanti Helena Callai	Ensino de Geografia Educação Geográfica	Didática crítica Inovação em propostas de ensino de geografia (IPEGEO)	Proposta para mediação didática no ensino para formação do pensamento geográfico. Leitura crítica do lugar e do território
Michael Young	Teoria do currículo	Conhecimento poderoso	Conhecimento poderoso; onhecimento dos poderosos.
Dermeval Saviani José Libâneo	Pedagogia histórico-crítica Didática crítica	Conhecimento sistematizado como instrumento de transformação social. Conteúdos escolares e sua dimensão crítico-social	Articulação ciência-sociedade Abordagem crítico-social do conteúdo
Antoni Zabala	Didática – Sequência didática	Conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais	Análise das práticas docentes e dos conteúdos
Maurice Tardif Lee Shulman	Formação de professores	Saberes docentes Conhecimentos docentes	Compreensão da prática; Conhecimento Pedagógico do Conteúdo

QUADRO III – Conceitos centrais, referenciais teóricos e contribuições analíticas (síntese).

TABLE III – *Central concepts, theoretical references and analytical contributions (synthesis).*

Continuação / *Continuation*

Autor(es) de referência	Campo teórico	Contribuição principal para as reflexões do grupo	Relevância para a análise geográfica
Sâmia Sulaiman e Pedro Jacobi	Cultura da prevenção e segurança	Mediação entre ciência e vivido	Base para prevenção
Selby e Kagawa	Práticas Pedagógicas	Educação para Redução dos Riscos	Experiências em 30 países do mundo
Carla Souza	Educação Geográfica para redução dos riscos e desastres (EGRRD)	Educação geográfica pela abordagem dos riscos e dos componentes físico-naturais e sociais. Teoria-prática na formação docente com a questão dos riscos	Propostas didático-pedagógicas na interface da Ciência Cindínica, da Geografia dos riscos e da Didática crítica

Conclusão

A releitura e análise teórico-conceitual e metodológica realizada evidência que as contribuições dos trabalhos do Gepeger são fundamentais para a consolidação da perspectiva da Educação Geográfica voltada aos riscos socioambientais no Brasil. As produções articulam teoria e prática, dialogam com referenciais internacionais e nacionais e respondem às demandas sociais contemporâneas, reafirmando o papel da Geografia na construção de territórios mais justos e resilientes.

A produção científica do Gepeger desenvolve-se de forma progressiva desde o início da década de 2010, consolidando uma linha de investigação voltada à compreensão dos riscos socioambientais no contexto do ensino de Geografia. Seus primeiros trabalhos destacam a importância do rigor conceitual na abordagem do risco, definido como possibilidade e não como evento consumado. Num processo crescente, a discussão do grupo incorpora outros conceitos e amplia a abordagem temática a partir dos riscos sociais, pensados no âmbito da Geografia Escolar, na Educação Geográfica e riscos.

O arcabouço teórico, metodológico e as temáticas consideradas pelo grupo, em uma década, posicionam a produção do Gepeger na interseção, então, entre

conhecimentos da Geografia acadêmica - ao considerar a questão da formação docente inicial e a relação com o tema Riscos e as práticas pedagógicas pertinentes – da Geografia Escolar, ao considerar a perspectiva da Educação Geográfica no âmbito do Ensino de Geografia, e da Políticas de Prevenção e Segurança, ao se ater às orientações e discussões internacionais e nacionais sobre a Gestão dos riscos a partir da educação.

Pode-se afirmar que a produção do Gepeger se insere em uma abordagem crítico socioespacial, caracterizada pela articulação entre materialidade territorial, desigualdade social e complexidade dos processos socioambientais. Trata-se de uma perspectiva que integra elementos do materialismo histórico, da Geografia crítica, das epistemologias da complexidade e das políticas internacionais de redução de riscos, sem se limitar a uma filiação teórica única ou dogmática.

As análises desenvolvidas evidenciam que a Geografia, ao articular fundamentos teóricos consistentes e práticas educativas contextualizadas, ocupa posição estratégica na redução do risco de desastres. É notório que a Geografia dos Riscos consolida-se como subcampo da Geografia, ao evidenciar que os riscos tem uma espacialidade, que decorre tanto da percepção das pessoas sobre o perigo, como sujeitos sociais e culturais, quanto da interação entre processos naturais, ações humanas e condição de respostas e prevenção ao desastre.

A educação para o risco, no contexto do ensino de Geografia, ainda se encontra em processo de consolidação, marcada por contradições entre o avanço teórico da Geografia dos Riscos e sua incorporação efetiva na prática escolar, o que reforça a necessidade de fortalecer a formação conceitual e metodológica de professores ainda na graduação. A redução dos riscos de desastres, necessariamente, passa pela educação geográfica crítica, pela valorização do território vivido e pela superação de abordagens naturalizantes a serem discutidas na geografia escolar, pelo docente bem formado.

Desse modo, os textos considerados evidenciam que as contribuições dos trabalhos do Gepeger são fundamentais para a consolidação do campo da Educação Geográfica voltada aos riscos socioambientais no Brasil. As produções articulam teoria e prática, dialogam com referenciais internacionais e respondem às demandas sociais contemporâneas, reafirmando o papel da Geografia na construção de territórios mais justos e resilientes. Portanto, em seu conjunto, os trabalhos e ações

do Gepeger, desenvolvidos no período de 2013 a 2025, contribuem de forma significativa para:

- Articular Geografia dos Riscos, Educação Geográfica e formação docente, contribuindo para o fortalecimento de uma Educação para a Redução do Risco de Desastres, crítica, territorializada e socialmente comprometida;
- Ampliar o campo da Geografia dos Riscos, incorporando a dimensão social e de gênero; consolidando o corpo como categoria legítima de análise geográfica na perspectiva do risco social, e fortalecendo o diálogo entre Geografia, feminismos e Educação;
- Consolidar a paisagem escolar como categoria analítica e pedagógica, por meio da Geoecologia das Paisagens, integrada à Geografia dos Riscos e Ensino de Geografia;
- Evidenciar e fortalecer a Educação Geográfica como um processo e uma prática crítica, capaz de questionar estruturas de dominação e promover a leitura espacial da vulnerabilidade social e a leitura crítica do território.
- Reafirmar a formação para a cidadania; o protagonismo dos sujeitos; a consciência socioambiental; e a transformação social para a prevenção e segurança;
- Promover propostas teórico-metodológicas para mediação didática no âmbito do ensino e aprendizagem dos riscos, perigos e desastres de modo significativo em territórios e paisagens situados.

Portanto, verifica-se uma linha de pesquisa que amadurece de modo coerente e socialmente comprometida, na qual o risco é compreendido como categoria geográfica, um problema na sociedade contemporânea e objeto educativo, reafirmando o papel estratégico da Geografia na redução dos riscos, das vulnerabilidades sociais e na compreensão dos riscos socioambientais.

Bibliografia

- Almeida, L. Q. (2011). Por que as cidades são vulneráveis? *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, Ceará, v.13; p.70-82, 2011. Acedido a 10 de março de 2015, em www.uvanet.br.
- Almeida, L. Q. (2012). Por uma ciência dos riscos e vulnerabilidades na Geografia. *Mercator*, Fortaleza, v.10, n. 23, p.83-99, 2012. Acedido a 08 de fevereiro de 2015, em <http://www.mercator.ufc.br>.

- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- Beck, U. (2010). *Sociedade de Risco*: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 384p.
- Boff, L. (2009). *Saber Cuidar*: ética do humano: compaixão pela terra. 14. ed. Petrópolis: Vozes.
- Burton, I; Kates, R. W; White, G. F. (1978). *The environmental as hazard*. New York: Oxford University, 240 p.
- Butler, J. (2018). *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Editora José Olympio.
- Callai, H. C. (2011). O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 1, n. 1, p. 7–22. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4628269>.
- Callai, H. C. (2010). Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. Moraes, E. M. B., Moraes, L. B. *Formação de professores*: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia: Nepec, p. 15-37.
- Castro, C. M., Peixoto, M. N. O., Rio, G. A. P. (2005). Riscos Ambientais e Geografia: Conceituações, Abordagens e Escalas. *Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ* - Vol. 28, p. 11-30.
- Castro, F. V. (2021). A apropriação dos territórios quotidianos pelos grafitos. Do risco social à multiterritorialidade. *Vértices*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Campos dos Goitacazes), v. 23, n. 1, 21p.
- Castro, F. V. de, Oliveira-Costa, J. L., Zacharias, A. A., Moreira, T. (2023). *As paisagens dos riscos sociais. Educar para reduzir os riscos sociais*, Série "Estudos Cindínicos", volume 13, Editor: RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos Prevenção e Segurança, ISSN 2184-5727, Depósito Legal 519458/23, ISBN Digital 978-989-9053-19-9, Coimbra, 287 p.
DOI: https://doi.org/10.34037/978-989-9053-19-9_13
- Castro, F. V., Fernandes, J. L. J. (2019). Territórios quotidianos, riscos sociais e vulnerabilidade da população: análise preliminar do conceito de urbicídio. In: Lourenço, L., Castro, F. V. *Catástrofes Antrópicas – uma aproximação integração*., Série "Riscos e Catástrofes", volume 8, Editores: RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos Prevenção e Segurança; IUC - Imprensa da Universidade de Coimbra, ISBN Digital 978-989-26-1867-8, Coimbra, setembro, p. 413 – 433.
DOI: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1867-8_9
- Cavalcanti, L. de S. (2019). *Pensar pela geografia* - ensino e relevância social. Goiânia: C&A, Alfa.
- Cerri, L.E.S., Amaral, C. P. (1998). Riscos geológicos. *Geologia de engenharia*, São Paulo, v.18, p. 301-310. Acedido a 23 de novembro de 2015, em <http://www.ebah.com.br>.
- Cutter, S. (1996). Vulnerability to environmental hazards. *Human geography*, p. 529-539. Acesso a 15 de outubro de 2015, em webra.cas.sc.edu.
- Dagnino, R. S., Junior, S. C. (2007). Risco Ambiental: Conceitos e Aplicações. Vol. 2- n 2. Rio Claro: *Climatologia e Estudos da Paisagem*. Acedido a 01 de março de 2015, em http://www.researchgate.net/profile/Ricardo_Dagnino/publication/26538820_RISCO_AMBIENTAL_CONCEITOS_E_APLICAES/links/0fcfd50b74907eb8cf000000.pdf.
- Faugères, L. (1991). La géo-cindynique, géo-science du risque (Geo-cindynics, a science of risk management). *Bulletin de l'Association de géographes français*, 68e année, n. 3, p. 179-193.
- Ferreira, A. B. R., Tarôco, L. T., Souza, C. J. O. (2016). A concepção do risco ambiental e sua abordagem na Educação básica. *Caderno de Geografia*, v.26, n.47, 2016, p. 615 – 628. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://periodicos.pucminas.br/geografia/article/view/p.2318-2962.2016v26n47p615>.
- Fonte, C. da C. (2019). *Espacialidade da paisagem: construção do entendimento na geografia escolar (Dissertação Mestrado em Geografia)*. Universidade Federal de São João del-Rei, 2019. Acedido a 27 de julho de 2025, em <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgeog/Celso%20Fonte.pdf>.

- Giarola, L. L. (2025). *Risco socioambiental na paisagem escolar*: proposta teórico-metodológica para a mediação didática no ensino de geografia a partir do mapeamento escolar. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de São João del- Rei. São João del- Rei/MG, Brasil.
- Giarola, L. L., Sousa, M. C. F., Souza, C. J. O. (2024). Riscos naturais, ambientais e os conteúdos similares presentes em livros didáticos de geografia do 9º ano do ensino fundamental. *Revista Equador* (UFPI), v. 13, n.1, Ano 2024, p. 156-168. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/revistaequador/article/view/7564>.
- Gomes, P. C. da C. (2017). *Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Hewitt, K. (2014). *Regions of Risk: A Geographical Introduction to Disasters*. Routledge, 2ª ed. New York.
- Hogan, D. J.; Júnior, E. M. (2007). Vulnerabilidade a Perigos Naturais nos Estudos de População e Ambiente In: Hogan, D. J. (Org) *Dinâmica populacional e mudança ambiental*: cenários para o desenvolvimento brasileiro. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Neпо/Unicamp, p.73 – 86.
- Jacobi, P. (2005). Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. *Educação e Pesquisa*, Universidade de São Paulo, vol. 31, nº 2, p. 233-250. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf>. Acesso em 05/04/2015.
- Libâneo, J. C. (1986). Os conteúdos escolares e sua dimensão crítico-social. *Revista da ANDE*, n.11. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://revistas.ufg.br/feff/article/download/8/2613?inline=1>.
- Libâneo, J. C. (1991) . *Democratização da escola pública*: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola.
- Lourenço, L. (2003). Análise de riscos e gestão de crises. O exemplo dos incêndios florestais. *Territorium - Revista de Geografia Física aplicada no Ordenamento do Território e Gestão de Riscos Naturais*, ISSN: 0872-8941, Coimbra, n. 10, 89-110. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_10_6
- Lourenço, L. (2006). Riscos naturais, antrópicos e mistos. *Territorium - Revista da Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança*, ISSN: 0872-8941, Coimbra n. 14, p.109-113. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_14_11
- Lourenço, L. (2015). Risco, perigo e crise: pragmatismo e contextualização. In: Siqueira, A., Valencio, N., Siena, M., Malagoli, M. A., *Riscos de desastres relacionados à água*. Aplicabilidade de bases conceituais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de casos concretos. São Paulo: RiMa Editora, 3-43.
- Lourenço, L., Almeida, A. (2018). *Riscos naturais, antrópicos e mistos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Magnoni Junior, L. et. al. (2020). *Redução do risco de desastres e a resiliência no meio rural e urbano*. 2. ed. – São Paulo: Centro Paula Souza.
- Magnoni Junior, L. et. al. (2022). *Ensino de Geografia e a Redução do Risco de Desastres em espaço rural e urbano*. 1ed. São Paulo: Centro Paula Souza, v. 3.
- Marandola Jr. E.M., Hogan, D. J. (2004a). O Risco em perspectiva: tendências e abordagens. *Geosul*, Florianópolis, v. 19, p. 25-58. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://morrodobau.paginas.ufsc.br/files/2011/03/O-risco-em-perspectiva-tend%C3%Aancias-e-abordagens.pdf>.
- Marandola Jr., E. M., Hogan, D. J.(2004b). Natural Hazards: o estudo geográfico dos riscos e perigos. *Ambiente e Sociedade*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 95-110. Acedido a 12 de janeiro de 2026, em <https://www.scielo.br/pdf/asoc/v7n2/24689.pdf>.
- Marco de Ação de Hyogo (2005-2015). Aumento da resiliência das nações e das comunidades frente aos desastres. Acedido a 10 de junho de 2025, em <http://www.defesacivil.sc.gov.br/gestao-risco/documentos/>.

- Marco de Sendai (2015 – 2030). Marco de Sendai para a redução do risco de desastres (2015- 2030). Acedido a 09 de junho de 2025, em: http://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/1398/traduzido_unisdr_novo_sendai_framework_for_disaster_risk_reduction_2015_2030_portugues_versao_31mai2015.pdf.
- Mendonça, F. (2001). Geografia Socioambiental. *Terra Livre*, São Paulo, n.16, p. 139-158.
- Mendonça, F. (2011). Riscos, Vulnerabilidades e Resiliência Socioambientais Urbanas: Inovações na Análise Geográfica. *Revista da ANPEGE*, v. 7, n. 1, número especial, p. 111-118. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/download/6557/3557/0>.
- Mendonça, F. (2021). *Riscos híbridos – concepções e perspectivas socioambientais*. São Paulo: Oficina de textos.
- Moreira, R. (2011). *Pensar e ser em geografia - Ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Editora Contexto.
- Nogueira, M. C. S., Fonte, C. da C., Souza, C. J. O. (2018). Espacialidade e percepção da cidade e do risco ambiental no contexto escolar. In: Lourenço, L., Amaro, A. *Educação para a redução dos riscos*, Série "Estudos Cindíncos", volume 2, Editor: RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança, ISBN Digital: 978-989-54295-1-6, Coimbra, p. 223 - 250. DOI: https://doi.org/10.34037/978-989-54295-1-6_2_11
- Pereira, A. de O. M. (2024). *Corpos femininos como fator de risco social: educação geográfica para a análise espacial da vulnerabilidade de gênero entre jovens alunas. Dissertação. (Mestrado em Geografia)*. Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei.
- Pereira, A. de O. M., Giarola, L. L., Souza, C. J. O. (2023a). Vulnerabilidade e pandemia da covid-19: risco social e boletim geográfico escolar. In: Castro, F. V. de; et. al. *As paisagens dos riscos sociais. Educar para reduzir os riscos sociais*, série "Estudos Cindíncos", volume 13, Editor: RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança, ISBN Digital: 978-989-9053-19-9, Coimbra, p. 93-109. DOI: https://doi.org/10.34037/978-989-9053-19-9_13_5
- Pereira, A. de O. M., Giarola, L. L., Souza, C. J. O. (2023b). Contribuições da geografia para o ensino dos riscos: boletins geográficos escolares. In: Souza, C. J. O., Lourenço, L. *Contribuições da Geografia para o ensino dos riscos*, Série "Riscos e Catástrofes", volume 10, Editores: ISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança; IUC - Imprensa da Universidade de Coimbra, ISBN Digital: 978-989-26-2466-2, Coimbra, 179 – 202. DOI: https://doi.org/10.14195/978-989-26-2466-2_8
- Pereira, A. de O. M., Souza, C. J. O. (2022). Reflexões sobre o tema corpo generificado feminino e risco social: importância do estudo na educação geográfica a partir da vulnerabilidade de gênero. XI Fórum Nacional Nepeg - pesquisa e métodos na formação de professor de geografia. Goiânia, Universidade Federal de Goiás. Anais [...], Goiânia, p. 548 - 559.
- Pereira, A. de O. M., Souza, C. J. O. (2023). Corpos femininos e risco social: mapeamento colaborativo entre alunas do ensino médio. *Revista Territorium Terram*, v. 06, Número Especial 1, p. 107 - 121. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em http://periodicos.ufsj.edu.br/territorium_terra/article/view/5303.
- PORTUGAL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Recomendação nº 5*, 20 de out. 2011: Educação para o risco, 2011. Acedido a 12 de junho de 2020, em <http://www.cnedu.pt>.
- Rebello, F. (2001). *Riscos naturais e acção antrópica*. Coimbra: IU, 274 p.
- Rebello, F. (2010). *Geografia física e riscos naturais*. Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, L., Tarôco, A., Souza, C. J. O. (2016). A concepção do risco ambiental e sua abordagem na Educação básica. *Caderno de Geografia*, (PUC-MG), v. 26, n. 47, p. 615 – 628. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://periodicos.pucminas.br/geografia/article/view/p.2318-2962.2016v26n47p615>.

- Romano, P. C. dos R. (2024). *Uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICS)/Google Earth em proposta didático-pedagógica para o ensino de geografia no Ensino Fundamental II: estudo da paisagem*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de São João del-Rei, 103p.
- Santos, M. (1988). *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Saviani, D. (2011). *Pedagogia Histórico-Crítica*. 11 ed. Campinas SP: Autores Associados.
- Selby, D., Kagawa, F. (2012). *Redução do risco de desastres no currículo escolar: estudo de casos de trinta países*. Genebra: UNICEF, 2012. 218p. Acedido a 12 de junho de 2020, em <https://www.unesdoc.unesco.org>.
- Shulman, L. S. (2005). Conocimiento y enseñanza: fundamentos de lanueva reforma. Prodesorado. *Revista de Currículum y Formación del Profesorado*. ano 9, n. 2. Granada, Espanha, 2005. Acedido a 13 de fevereiro de 2026, em <https://www.ugr.es/~recfpro/rev92ART1.pdf>.
- Silva, M. L. R. (2024). *Percepção de docentes de geografia sobre risco social de discentes LGBTQIAPN+ no espaço escolar*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de São João del Rei. São João del Rei/MG, Brasil.
- Silva, V. M. (2017). *Concepção de Risco Ambiental entre Professores de Geografia em Minas Gerais: Conhecimentos e Práticas em Sala*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de São João del Rei. São João del Rei/MG, Brasil.
- Silva, J., Ornat, M. J., Chimin, A.B.J (2013). *Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaço*. Ponta Grossa: Todapalavra, 400 p.
- Silva, V. M., Pereira, M. B., Souza, C. J. O. (2016). Educação para o risco: percepção e representação de risco ambiental. *Revista de Geografia – PPGeo - UFJF*. Juiz de Fora, v.6, n.4, p.387-399. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/18041>.
- Silva, V. M., Souza, C. J. O. (2016). Educação para o risco: presença em currículos internacionais e possibilidades para os brasileiros. Fórum NEPEG, Caldas Novas, GO. *Anais...*, Caldas Novas, p. 655-662.
- Smith, K. (2001). *Environmental hazards: assessing risk and reducing disaster*.3 ed. London: Routledge, 478 p.
- Soares, R., Resende, L., Souza, C. J. O. (2014). Risco socioambiental no ensino de geografia: proposta de prática educativa. *Revista Territorium Terram*, v. 02, n. 04, p. 24-38. Acedido a 24 de janeiro de 2026, em http://www.seer.ufsj.edu.br/territorium_terraram/article/view/792/603.
- Sousa, M. C. F., Giarola, L. L., Pereira, A. de O. M., Souza, C. J. O. (2023). Conhecimento e ações educativas para prevenção e redução de riscos ambientais durante a pandemia: dificuldades e conquistas do projeto de extensão. *Revista Territorium Terram*, v. 06, Número Especial 1, p. 97 – 106. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em http://periodicos.ufsj.edu.br/territorium_terraram/article/view/5302.
- Sousa, M. C. F., Giarola, L. L., Souza, C. J. de O. (2024) – Percepção dos estudantes do nono ano sobre riscos socioambientais na cidade de São João del-Rei/MG. *Planeta Amazônia: Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas*, Macapá, n. 16, p. 21-40. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://periodicos.unifap.br/planetaamazonia/article/view/386>.
- Souza, C. J. de O (2013). Riscos, Geografia e Educação. In: Luciano Fernandes Lourenço; Manuel Alberto Mateus. (Org.). *Riscos naturais, antrópicos e mistos. Homenagem ao Professor Doutor Fernando Rebelo*. 1ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, v.1, p. 127-142. Acedido a 02 de fevereiro de 2021, em https://www.riscos.pt/wp-content/uploads/2018/Outras_Pub/outras/frebelo/FRebelo_artigo08.pdf

- Souza, C. J. O. (2016). Discussão sobre risco ambiental a partir de pesquisas desenvolvidas na escola básica e em comunidade localizada em área de risco. Belo Horizonte/Brasil. *Territorium - Revista da Associação Portuguesa de Riscos Prevenção e Segurança*, v. 23: Riscos, Saúde e Sociedade, ISSN: 0872-8941, Coimbra, 113-124. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_23_9
- Souza, C. J. O. (2020a). Formação do professor de geografia: sala de aula e experiência. *Revista Signos Geográficos*, Goiânia-GO, v.2, p. 2-26.
- Souza, C. J. de O. (2020b). Contribuição do conhecimento geográfico para a redução do risco de desastres (RRD). In: Magnoni Junior, L. et al. (Org.). *Redução do risco de desastres e a resiliência no meio rural e urbano*. 2. ed. – São Paulo: CPS, p. 659 – 678.
- Souza, C. J. O. (2023). Educação geográfica e a contribuição de novos temas: geodiversidade e risco socioambiental. In: Sobrinho, J. F., Souza, C. J. O., Ross, J. L. S. *A natureza e a Geografia no ensino das temáticas físico-naturais no território brasileiro*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 202 – 243.
- Souza, C. J. O., Ferreira, P. P., Nogueira, M. C. de A. (2019). Formação educativa pré-evento: situação geográfica e de risco de desastre. III Simpósio Ibero-Afro-Americano de Riscos: riscos e sociedade - da apropriação do espaço à criação de territórios em riscos, Uberlândia, MG. *Anais [...]*. Uberlândia, Minas Gerais, p. 454 – 458.
- Souza, C. J. O., Ferreira, P. P., Oliveira, J. R. (2023). Contribuições de pesquisas brasileiras sobre riscos, ensino de geografia e educação. *Geografia, Riscos e Proteção Civil. Homenagem ao Professor Doutor Luciano Lourenço*. Editor: RISCOS - Associação Portuguesa de Risco, Prevenção e Segurança, volume 1. 1.^a Edição, ISBN: 978-989-9053-03-8; ISBN digital: 978-989-9053-04-5; Depósito Legal: 487456/21, Coimbra, p. 573 – 691. DOI: https://doi.org/10.34037/978-989-9053-04-5_1.1_37
- Souza, C. J. De O., Giarola, L. L. (2024). Geoeologia da paisagem e proposta de mapeamento da paisagem escolar. *Caderno Prudentino de Geografia*, [S. l.], v. 2, n. 46, p. 75–98. Acedido a 12 de maio de 2025, em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/10484>.
- Souza, C. J. O., Giarola, L. L., Sousa, M. C. F. (2024). Contribuição do curso de Geografia na formação de conhecimentos sobre riscos ambientais: um estudo de caso. *ACTA Geográfica*, Boa Vista, v. 18, n. 49, p. 55-75. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/8091>.
- Souza, C. J. O., Giarola, L., Araújo, I. (2025). Mapeamento da paisagem escolar e o risco socioambiental no espaço urbano. *Territorium - Revista Internacional de Riscos*, n.º 32 (I): Processos e Vulnerabilidades Globais, Ameaças/Riscos e Estratégias Locais. Editores: RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança; IUC - Imprensa da Universidade de Coimbra, ISSN: 0872-8941, Coimbra, p. 5 – 20. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_32-1_1
- Souza, C. J. O., Lourenço, L. (2023). *Contribuições da Geografia para o ensino dos riscos*, Volume: 10 da série “Riscos e Catástrofes”, Editores: RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança; IUC - Imprensa da Universidade de Coimbra, ISBN: 978-989-26-2465-5, ISBN Digital: 978-989-26-2466-2, Julho, Coimbra, 412 p. DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2466-2>
- Souza, C. J. O., Nogueira, M. C. S. de; Alves, F. A., Fontes, C. da C. (2015). Educação geográfica: risco ambiental urbano, abordagens e práticas. XVI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Universidade Federal do Piauí. *Anais...*, Teresina, Piauí, 8p.
- Souza, C. J. O., Oliveira, J. R. (2011). Representação de áreas de riscos sócio-ambientais: geomorfologia e ensino. *Territorium - Revista da Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança*, n.º 18 : Afirmar as Ciências Cindínicas, ISSN: 0872-8941, Coimbra, p. 175-184. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_18_15
- Souza, C. J. de O., Oliveira, J. R., Pereira, A. de O. M. (2022). Escola pública, educação geográfica e vulnerabilidade socioambiental ampliada em tempos de pandemia de COVID-19. *Revista Desenvolvimento Meio Ambiente*, Seção especial – Riscos na periferia global numa perspectiva lusófona, v. 60, p. 711-735. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/85160>.

- Souza, C. J. O., Pereira, A. O. M., Giarola, L. L. (2022) Risco socioambiental e ensino de Geografia: relação teoria-prática e discussão no contexto da formação docente. In: Magnoni Junior, L. (Org.). *Ensino de Geografia e a Redução do Risco de Desastres em espaço rural e urbano*. 1ed. São Paulo: Centro Paula Souza, v. 3, p. 175-195.
- Souza, C. J. O., Silva, V. S. (2018). “Educação para o risco”: conhecimento e contribuição de professores de geografia para o tema risco ambiental em escolas de Minas Gerais - Brasil. *Territorium - Revista Internacional de Riscos*, n. 25(II): Riscos e Educação. Editores: RISCOS - Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança; IUC - Imprensa da Universidade de Coimbra, ISSN: 0872-8941, Coimbra, p. 53-68. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_25-2_5
- Souza, L. B., Zanella, M. E. (2009). *Percepções de Riscos Ambientais: Teoria e Aplicações*. Fortaleza: Edições UFC.
- Sulaiman, S. N., Jacobi, P. R. (2018). *Melhor prevenir: olhares e saberes para a redução de risco de desastres*. São Paulo: IEE-USP, 134 p.
- UNDRR (2015). Sendai Framework for Disaster Risk Reduction 2015–2030. Geneva.
- Velez de Castro, F. (2021). A apropriação dos territórios quotidianos pelos grafitos. Do risco social à multiterritorialidade. *Vértices*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Campos dos Goitacazes), v. 23, n. 1, 21p.
- Veyret, Y. (1997). Enseigner les risques naturels, une nouvelle géographie physique?. 2. ed. São Paulo. *Persee*, p.273-281.
- Veyret, Y. (2007). *Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente*. São Paulo: Contexto.
- Veyret, Y. (2013). *Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente*. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto.
- Veyret, Y. ; Richemond, N. M. (2007). Definições e vulnerabilidades do risco. In: Veyret, Y. *Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente*. Tradução Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, p. 25-46.
- Young, M. F. D. (2016). Por que o conhecimento é importante para as escolas do século XXI? Trad. Tessa Bueno. Rev. Têc. Cláudia Valentina Assumpção Galian. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 46, n. 159, p. 18-37. Acedido a 01 de janeiro de 2026, em <https://www.scielo.br/j/cp/a/qjWwWsQZNltJbGYjhyhYfXh/?lang=pt>.
- Zabala, A. (1998). *Práticas educativas: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed.

CONCLUSÃO

Alicia de Oliveira Moreira Pereira

Universidade Federal de Goiás, GEPEGER (Brasil)

Instituto de Estudos Socioambientais - IESA

ORCID: 0000-0002-7485-9542 aliciaoliveirapereira@gmail.com

Carla Juscélia de Oliveira Souza

Universidade Federal de São João del-Rei, GEPEGER (Brasil)

Departamento de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia

ORCID: 0000-0002-1426-4790 carlaju@ufsj.edu.br

Ao término deste livro, considerando a riqueza das discussões presentes em cada capítulo, é importante retomar alguns elementos que marcam essa obra e possibilita novas reflexões. No que se refere à primeira parte, os capítulos evidenciam contribuições significativas para o campo do Ensino de Geografia, especialmente no âmbito da Geografia Escolar, ao trazerem discussões teórico-conceituais que fortalecem o diálogo entre a abordagem dos riscos, a ciência geográfica e o ensino. Os capítulos que compõem essa seção apresentam elevada densidade teórica, explorando conceitos estruturantes da teoria dos riscos, tais como risco, perigo, vulnerabilidade e crise, articulados aos conceitos, categorias e princípios que integram o estatuto epistemológico da Geografia. Destacam-se, nesse contexto, os conceitos de paisagem, lugar, território e escala geográfica, considerando, inclusive, a dimensão do corpo, o que possibilita a construção de diferentes bases epistemológicas para a compreensão das espacialidades dos riscos. Ademais, essa seção revela a amplitude de perspectivas possíveis para a abordagem dos riscos no Ensino de Geografia, contemplando enfoques socioambientais, sistêmicos, do risco social e dos discursos midiáticos que incidem sobre o contexto escolar.

A dimensão da Educação Geográfica e dos riscos socioambientais, discutida na segunda parte do livro, é desenvolvida com ênfase nos resultados de produções acadêmicas e em abordagens e práticas didático-pedagógicas desenvolvidas

no contexto do ensino, considerando as experiências de diferentes lugares-territórios do Brasil. O elemento central desses trabalhos é a discussão de práticas pedagógicas de caráter crítico e social, práticas que valorizam conceitos, procedimentos e atitudes mobilizadas em situações de ensino que tomam os riscos como tema estruturante. Essas práticas visam à formação de sujeitos capazes de compreender e intervir em suas realidades, em diferentes escalas geográficas. Destaca-se, ainda, a diversidade de contextos geográficos analisados, como cidades do Rio Grande do Sul, Goiânia, regiões da Amazônia e dos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, evidenciando situações de risco e possibilidades de abordagem da temática no contexto geográfico e escolar de um Brasil diverso, cujas regiões (com condições socioeconômicas, culturais, políticas, naturais e históricas específicas) apresentam questões de riscos comuns com desastres particulares a suas realidades.

Da relevância das contribuições apresentadas é possível e fundamental sintetizar os principais aportes teórico-metodológicos do livro, identificados e concebidos pelas organizadoras em três eixos centrais, a saber:

- (I) Contribuições teórico-conceituais para a compreensão das espacialidades dos riscos;
- (II) Contribuições da abordagem dos riscos no Ensino de Geografia; e
- (III) A defesa de uma Educação Geográfica voltada à redução de riscos e desastres (EGRRD).

No que diz respeito às contribuições teórico-conceituais, destaca-se a importância da construção de um olhar geográfico sobre os fenômenos associados às situações de risco, fundamentado nas categorias analíticas e metodológicas da ciência geográfica e articulado aos conceitos estruturantes da teoria dos riscos. Pensar a espacialidade dos riscos implica, portanto, ancorar essa abordagem nos conceitos de paisagem, lugar, território e escala geográfica, os quais subsidiam análises e interpretações capazes de apreender a complexidade das dinâmicas socioespaciais que produzem e intensificam situações de riscos e vulnerabilidades.

Nessa perspectiva e discussão, ao articular as espacialidades dos riscos com as finalidades, objetivos e conteúdos do Ensino de Geografia, cabe refletir o quanto essa abordagem se configura como um tema potente para compreender

fatos e fenômenos geográficos a partir da integração entre as dimensões natural e social. Tendo em vista essa potencialidade, pode-se explicitar, sob uma perspectiva geográfica, as contradições, desigualdades e relações socioespaciais que conformam o espaço geográfico, abrindo caminho para o desenvolvimento de práticas didático-pedagógicas que aproximem os conteúdos escolares das realidades vividas pelos estudantes.

Nesse sentido, a abordagem dos riscos contribui para o desenvolvimento do pensamento geográfico, entendido como a capacidade de analisar a realidade sob uma perspectiva geográfica crítica, conforme defendido pela Didática Crítica da Geografia, cuja referência central é a professora Lana de Souza Cavalcanti.

Por fim, considerando a trajetória de estudos, pesquisas e práticas educativas desenvolvidas ao longo dessa década no âmbito do GEPEGER, bem como as intensas discussões teórico-metodológicas que articulam riscos, Geografia e Ensino de Geografia, reafirma-se a defesa de uma Educação Geográfica voltada à redução dos riscos e desastres. Essa Educação Geográfica é compreendida tanto como finalidade quanto como processo, integrando elementos teóricos, metodológicos, práticos e de conteúdos geográficos que sustentam uma práxis comprometida com a leitura crítica do espaço e com a ação socialmente referenciada. Ao considerar a dimensão dos riscos, a Educação Geográfica contribui para o desenvolvimento de práticas individuais e coletivas de caráter crítico e social, voltadas à problematização das desigualdades socioespaciais que produzem situações de risco, bem como à construção de ações de resistência e enfrentamento dessas realidades.

Portanto, este livro reafirma a relevância social do Ensino de Geografia que, ao integrar a perspectiva dos riscos, potencializa uma leitura mais complexa, crítica e integrada da realidade. Ao defender práticas pedagógicas que reconheçam os processos sociais e espaciais envolvidos na produção dos riscos, a obra contribui para a discussão teórico-metodológica de uma Educação Geográfica comprometida com a justiça social e espacial, ampliando o papel da Geografia Escolar como campo de conhecimento capaz de dialogar com as demandas contemporâneas e de contribuir para a formação de sujeitos críticos, ativos e socialmente referenciados.

SÉRIE ESTUDOS CINDÍNICOS

Títulos Publicados:

- 1 *Incêndios em Estruturas. Aprender com o Passado;*
- 2 *Educação para a Redução dos Riscos;*
- 3 *Metodologia de Análise de Riscos através de Estudos de Casos;*
- 4 *Riscos Hidrometeorológicos;*
- 5 *Pluralidade na Diversidade de Riscos;*
- 6 *Risco Sísmico - Aprender com o Passado;*
- 7 *Territórios em Risco;*
- 8 *Resiliência ao Risco;*
- 9 *Madeira Região Resiliente. Aprender com o Passado;*
- 10 *Risco de Cheias e Risco de Inundações Fluviais. Aprender com o Passado;*
- 11 *Análise e Modelação de Risco no Ordenamento do Território;*
- 12 *Perceção e Planeamento na Redução e Gestão do Risco de Catástrofes;*
- 13 *As Paisagens dos Riscos Sociais. Educar para diminuir a Vulnerabilidade;*
- 14 *Educação para o Risco: Práticas e Projetos;*
- 15 *Riscos, Proteção Civil e Cultura de Segurança: Discursos e Práticas no Portugal Democrático;*
- 16 *Risco de Movimentos em Vertentes. Aprender com o Passado,*
- 17 *Riscos e Saúde: Perspectivas Globais e Respostas Locais;*
- 18 *Riscos, Ambiente e Proteção Civil: uma Perspetiva Tecnológica;*
- 19 *Riscos, Água e Sociedade. Dinâmicas Socioambientais em Contextos de Incerteza;*
- 20 *Geografia Escolar e Educação Geográfica sobre Riscos e Desastres. Contribuições Teórico-Metodológicas, Práticas no Ensino de Geografia e na Formação Docente*

Tomos em preparação:

- 21 *Geografia dos Incêndios Florestais. 50 anos de Incêndios a queimar Portugal;*
- 22 *Efeitos dos Incêndios Florestais nos Solos de Portugal;*
- 23 *Floresta, Incêndios e Educação;*
- 24 *Redução do Risco e Educação.*



Alícia de Oliveira Moreira Pereira é Graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Atualmente, cursa o Doutorado em Geografia, na linha de pesquisa “Ensino-Aprendizagem em Geografia”, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo), no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG).

É integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (LEPEG/UFG). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER - UFSJ). Participa do grupo de estudos Núcleo de Pesquisa em Ensino de Cidade (NUPEC), da Rede Colaborativa de Ensino de Cidade e Cidades (RECCI) e coordena o Grupo de Estudos em Juventudes e Ensino de Geografia (JUVEGEO). Membro associada do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica - NEPEG, no qual coordena o GT3 - Temas e conteúdos no Ensino de Geografia.

Realiza reflexões e pesquisas na área do Ensino de Geografia e da Didática da Geografia, com ênfase nos seguintes temas: (I) Juventudes e jovens escolares no contexto do ensino de Geografia; (II) Vivências, afetos e emoções na Teoria Histórico-Cultural; (III) Educação Geográfica e riscos sociais; e (IV) Ensino de Geografia, marcadores da diferença e perspectivas interseccionais.



Carla Juscélia de Oliveira Souza é Doutora (2009), Mestre (1995) e Graduada (1988) em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-doutoranda em Ensino de Geografia e Riscos pela Universidade de Coimbra (2025-2026). Professora Associada do Departamento de Geociências e dos Programas de Pós-Graduação em

Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos (GEPEGER). Membro da Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança (RISCOS), integrante do Grupo de Investigação em Educação para os Riscos (GIER), pesquisadora vinculada ao Núcleo de Ensino e Pesquisa em Geografia (NEPEG), ao Grupo de Estudos de Cartografia para Escolas (GECE) e à Rede de Pesquisa em Cartografia Escolar.

Coordena projetos de pesquisa e extensão nas áreas: Ensino de Geografia, Cartografia Escolar, Geografia Física, Riscos socioambientais. Investiga temas relacionados à Educação geográfica e riscos; à Geoecologia da paisagem escolar e ao Ensino de Geografia e componentes físico-naturais. É coordenadora do Projeto de Pesquisa Educação para o risco: conhecimento e contribuição de professores de geografia para o tema riscos em escolas públicas de Minas Gerais.

Trabalhou como professora de Geografia do Ensino Fundamental II na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, foi consultora na Secretária Estadual de Educação de Minas Gerais e consultora na área ambiental, elaborando Estudos e Relatórios de Impactos Ambientais



RISCOS

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA
DE RISCOS, PREVENÇÃO
E SEGURANÇA



estudos
CINDÍNICOS